



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

Cristiana Faria Goulart

A RELAÇÃO ENTRE SAÚDE E TRABALHO DA MULHER
EMPREGADA DOMÉSTICA

Itajubá-MG
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

Cristiana Faria Goulart

A RELAÇÃO ENTRE SAÚDE E TRABALHO DA MULHER
EMPREGADA DOMÉSTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá, como parte dos requisitos para obtenção do Título Mestre em Desenvolvimento, Tecnologia e Sociedade.

Área de concentração: Desenvolvimento e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Silva

Coorientador: Prof. Dr. Davidson Passos Mendes

Itajubá-MG
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: **Cristiana Faria Goulart**

Título: **A relação entre saúde e trabalho da mulher empregada doméstica**

Dissertação apresentada em 16 de Agosto de 2024.

À Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Luiz Felipe Silva (Orientador)
Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

Prof. Dr. Davidson Passos Mendes (Coorientador)
Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

Prof. Dr. Renato Augusto Passos (Membro)
Faculdade de Medicina de Itajubá (FMIIt)

Prof. Dr. Geraldo Fabiano de Souza Moraes (Membro)
Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

Aprovada () Aprovada com restrições () Reprovada ()

AGRADECIMENTO À CAPES E CNPQ

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todas as mulheres que dispuseram um pouco de seu tempo para compartilhar um pouco de suas histórias comigo. Depois, gostaria de agradecer meu orientador, professor Luiz Felipe, pelos ensinamentos, ao meu coorientador, professor doutor Davidson Passos, que sempre se fez presente e disposto a ajudar.

Gostaria também de agradecer aos professores Geraldo e Renato, que de bom grado disponibilizaram um pouco do seu tempo para participar da minha banca e, como sempre, fizeram contribuições extremamente pertinentes.

Quem me conhece sabe como eu sempre quis seguir carreira acadêmica e como esse percurso sempre foi um grande desafio para mim. Estar, finalmente, finalizando o mesmo é uma grande conquista que, apesar de solitária, sei que existiam pessoas que estavam ali torcendo por mim.

Portanto, deixo aqui meu agradecimento a todos meus amigos, amigas, que eu acredito que saibam quem são, por todos os momentos de descontração, de desabafos, risadas e comemorações. Obrigada por me darem força e coragem pra conseguir finalizar mais um desafio com leveza. Sem esses momentos eu não teria conseguido.

Obrigada também ao meu companheiro, que de uma amizade muito próxima se tornou alguém com quem quero compartilhar uma vida a dois. Obrigada por ser quem você é e por estar sempre comigo.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer toda minha família que sei que, de sua maneira, se orgulha e torce por mim.

Obrigada a todos que fazem parte da minha caminhada. Avante!

RESUMO

O trabalho como categoria ocupa um papel de relevância indiscutível no cenário do desenvolvimento de uma sociedade, inclusive nos significados de reconhecimento social e coletivo em que um dos objetos de interesse nesses aspectos se dá pela relação entre saúde, trabalho e a investigação de como ela se desenrola neste contexto. Sendo assim, o presente trabalho pretende dar visibilidade para o trabalho doméstico assalariado, que apresenta marcante característica do gênero feminino e, principalmente, de mulheres negras, englobando questões como a precarização, vulnerabilidades e desigualdades decorrentes dos vínculos sociais e históricos da sociedade brasileira com sua densa herança escravocrata. O estudo tem o objetivo de investigar a relação entre a saúde e o trabalho da empregada doméstica na cidade de Itajubá, Minas Gerais. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada com mulheres trabalhadoras domésticas por meio da utilização de três métodos, o “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC), a entrevista semiestruturada e o questionário sociodemográfico. Foram identificadas mulheres que possuem duplas jornadas de trabalho, além de trabalharem em mais de uma residência, com uma parte significativa dessas mulheres em situação de informalidade. Os resultados apontam também que as mulheres do presente estudo consideram um risco à saúde principalmente os produtos químicos e misturas para limpar o banheiro. Sobre a relação com seus patrões, a maioria significativa relatou se considerar amiga ou da família. Apesar da maioria das mulheres do presente estudo se considerarem pardas, houveram poucos relatos sobre discriminação com relação à cor da pele, mas a grande maioria das mulheres relatou se sentir diminuída ou discriminada através de olhares. Com relação ao sentido do trabalho doméstico, as mulheres relataram se sentirem gratas e orgulhosas do que fazem, uma vez que o trabalho, para elas, representa uma fonte de sustento e independência.

Conclui-se que o trabalho doméstico advém de uma cultura escravocrata brasileira que perpetua até os dias atuais e que, mesmo com alguns direitos adquiridos, a maioria das mulheres ainda não possui esses acessos, o que dificulta o reconhecimento desta categoria de trabalhadoras. Ao mesmo tempo, foi possível observar que essas mulheres percebem o próprio trabalho como uma forma de empoderamento e independência, mas ainda entendem a saúde com uma perspectiva física e biológica. Por fim, as mulheres deste estudo enfrentam questões de saúde que passam pelas alergias e dores na coluna, até questões de exaustão e cansaço pelas altas cargas de trabalho. É importante, portanto, a conscientização dessas mulheres com relação aos seus direitos no seu trabalho, além da organização das mesmas como categoria, a fim de promover melhorias nas condições trabalhistas das mesmas.

Palavras-chave: Trabalho, Saúde, Marxismo, Trabalho doméstico.

ABSTRACT

Work as a category plays an undeniably important role in the development of a society, including in the meanings of social and collective recognition, in which one of the objects of interest in these aspects is the relationship between health and work, and the investigation of how it unfolds in this context. Therefore, this study aims to give visibility to paid domestic work, which has a marked characteristic of the female gender and, mainly, of black women, encompassing issues such as precariousness, vulnerabilities and inequalities resulting from the social and historical ties of Brazilian society with its dense slavery heritage. The study aims to investigate the relationship between the health and work of domestic workers in the city of Itajubá, Minas Gerais. The research, with a qualitative approach, was conducted with female domestic workers through the use of three methods, the “Discourse of the Collective Subject” (DSC), the semi-structured interview and the sociodemographic questionnaire. Women who have double work shifts and work in more than one residence were identified, with a significant portion of these women in an informal situation. The results also indicate that the women in this study consider chemical products and mixtures used to clean the bathroom to be a health risk. Regarding their relationship with their employers, a significant majority reported considering themselves to be friends or family. Since most of the women were brown, there were few reports of discrimination based on skin color, but the vast majority of women reported feeling diminished or discriminated against through looks. Regarding the meaning of domestic work, the women reported feeling grateful and proud of what they do, since for them, the work represents a source of income and independence. It is concluded that domestic work comes from a Brazilian slave-owning culture that continues to this day and that, even with some acquired rights, most women still do not have access to these rights, which makes it difficult to recognize this category of workers. At the same time, it was possible to observe that these women see their work as a form of empowerment and independence, but they still understand health from a physical and biological perspective. Finally, the women in this study face health issues ranging from allergies and back pain to exhaustion and fatigue due to heavy workloads. It is therefore important to raise awareness among these women regarding their rights at work, as well as to organize them as a category, in order to promote improvements in their working conditions.

Keywords: Work, Health, Marxism, Housekeeper.

SUMÁRIO

1.1 OBJETIVOS.....	15
1.1.1 OBJETIVO GERAL.....	15
1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
1.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	16
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 CONCEITOS DE SAÚDE	17
2.1.1 A QUESTÃO DO TRABALHO	21
2.1.2 O TRABALHO EM MARX	21
2.2 SAÚDE DO TRABALHADOR	24
2.3 O TRABALHO DOMÉSTICO.....	27
2.4 SAÚDE E TRABALHO DOMÉSTICO	Error! Bookmark not defined.
3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
3.1 SUJEITOS DA PESQUISA.....	35
3.2. TABULAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	21
3.2.1 MÉTODO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	Error! Bookmark not defined.
3.3 COLETA DE DADOS	21
3.3.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	Error! Bookmark not defined.
3.4 QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA	Error! Bookmark not defined.
4.RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	41
4.1 RESULTADO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC).....	41
5. CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICES	62
APÊNDICE A.....	62
APÊNDICE B	21
APÊNDICE C	Error! Bookmark not defined.
ANEXOS	21
ANEXO I	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questões orientadoras e hipóteses desta dissertação	15
Quadro 215	
Quadro 3 - Perguntas norteadoras das entrevistas realizadas	15
Quadro 4 - Exemplo da construção do Discurso do Sujeito Coletivo utilizada no presente estudo com mulheres empregadas domésticas	38
Quadro 5 - Ideias centrais, sujeitos e frequência de como essas mulheres conciliam seu trabalho em cada residência caso trabalhassem em mais de uma.....	42
Quadro 6 - DSC de acordo com cada IC	21
Quadro 7 - Ideias centrais, sujeitos e frequência: Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho? Error! Bookmark not defined.	
Quadro 8- DSC de acordo com cada IC	21
Quadro 9 - Ideias centrais, sujeitos e frequência: Sobre a relação com os patrões/patroas	21
Quadro 10 - DSC de acordo com cada IC Error! Bookmark not defined.	
Quadro 11 - Ideias centrais, sujeitos e frequência: Sobre ter sofrido algum tipo de discriminação	21
Quadro 12 - DSC de acordo com cada IC Error! Bookmark not defined.	
Quadro 7 - Ideias centrais, sujeitos e frequência: Sobre o que o trabalho doméstico representa para cada mulher	51
Quadro 14 - DSC de acordo com cada IC	21

1. INTRODUÇÃO

“Somos os herdeiros da maior sociedade escravocrata do planeta” já dizia Jessé Souza (2018) em seu livro *A classe média no espelho*. De fato, ao analisarmos a sociedade brasileira do século XXI, não nos distanciamos tanto do Brasil do século XVI; visto que o modelo escravocrata brasileiro não se acabou, apenas se modificou e estendeu para diferentes formas de aprisionamento, expropriação, perseguição, prisão e não remuneração com a realização de um trabalho, como menciona Yokoi (2017).

A realização do trabalho e a importância deste para o homem, segundo Marx (2013) está relacionado, em sua concretude, no agir sobre a Natureza, intervir na realidade material para transformá-la em determinados objetivos e satisfazer as necessidades humanas, sendo o que diferencia o ser humano dos demais animais. Ao perceber o trabalho como uma condição da existência do homem, é inevitável pensar nas estruturas capitalistas que corroboram com esta expansão do modelo escravocrata brasileiro. Como o processo de trabalho depende do modo de produção que providencie, em teoria, o maior desenvolvimento das forças produtivas, tem-se, no capitalismo, a transformação do processo de trabalho (criador de valor de uso), em processo de valorização (criador de mais-valor) (MARX, 2013).

Sendo assim, pelo capitalismo ser uma sociedade essencialmente mercantil, a integralidade existente anteriormente entre o trabalho criador de valor de uso (concreto) e criador de mais-valor (abstrato) transforma-se em uma relação de negação, em que a afirmação do trabalho abstrato é a negação do trabalho concreto e vice-versa (TUMOLO 2005).

Portanto, segundo Antunes (2013), é dentro do modo de produção capitalista que se constitui o trabalho assalariado, fetichizado e alienado; em que o capitalismo transforma o trabalhador em uma mercadoria com objetivo de produzir outras mercadorias e valorizar o capital, provocando a desrealização do ser social e o estranhamento dos sujeitos que trabalham, que, quanto maior a capacidade produtiva, mais miseráveis se tornam estes sujeitos sobre os quais o produto do trabalho não só se transforma na propriedade de outros, como se aprisiona o trabalho à propriedade do capitalista (MARX, 2010).

Dito isto, é possível se pensar nos diferentes grupos sociais que, ainda hoje, são invisibilizados, colocados em situação de vulnerabilidade e desvalorizados, considerados a *ralé* (SOUZA, 2009). Essa “subgente”, inserida neste sistema capitalista que exige cada vez mais conhecimentos técnicos, percebe-se excluída socialmente e incapaz de adentrar no mercado de trabalho formal, compondo postos de trabalho precarizados ou, “subempregos”

(CARVALHO, 2019). As trabalhadoras domésticas assalariadas se encontram nesta categoria, e evidenciam, assim, o histórico escravagista brasileiro.

Advindo de um contexto de extremas desigualdades sociais e relacionado ao período de escravidão, exploração e dominação da população negra pela elite política - burgueses patriarcais brancos - o trabalho doméstico no Brasil abarca desde serviços domésticos a amas de leite, com mulheres negras sendo as principais realizadoras de um trabalho que se tornou assalariado apenas com o advento do capitalismo (ÁVILA; FERREIRA, 2020; GOMES, 2016).

Porém, ainda que construídas através desse sistema, as atividades realizadas pelas trabalhadoras domésticas não se encontram nos moldes capitalistas, uma vez que são remuneradas com rendas pessoais e não são submetidas ao capital diretamente, sendo um trabalho que gera um “produto” diretamente consumido pela família empregadora e não circula no mercado com objetivo de lucro, apesar de haver um contrato de trabalho (SAFFIOTI, 1979).

Nestas condições, facilitam-se as diferentes formas de exploração deste grupo de trabalhadoras como as baixas remunerações, intensa sobrecarga, hierarquização nas relações de trabalho e as ausências de direitos, que podem culminar em adoecimentos tanto físicos como mentais, especialmente das que se encontram em situação de informalidade (OIT, 2011). Sintomas depressivos e ansiosos, dificuldades para dormir, solidão, preocupação, tristeza/cansaço, baixa concentração, comportamentos agressivos, são alguns dos sintomas que Sales e Santana (2003) identificaram como manifestações de sofrimentos mentais na categoria de mulheres empregadas domésticas.

Desta forma, entende-se por necessário e urgente um Estado em que haja o comprometimento com a categoria de trabalhadoras domésticas, que possua um olhar e políticas públicas que estejam relacionados a uma perspectiva feminista, anticapitalista e antiracista (ARAÚJO, OLIVEIRA, 2021). Ainda segundo as autoras: “Contar com a disponibilidade de mulheres para exercer cada vez mais atividades que garantem a reprodução social da vida é naturalizar a sua super exploração para a manutenção de um modo de produção capitalista” (p. 147).

É neste contexto que se encontra o problema de pesquisa cuja pergunta norteadora é: de que modo o trabalho das mulheres empregadas domésticas influencia em sua saúde?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 OBJETIVO GERAL:

Investigar a relação entre a saúde e o trabalho da empregada doméstica na cidade de Itajubá, Minas Gerais.

1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1) Identificar, na visão das trabalhadoras domésticas, se na relação de trabalho ainda existe um vínculo da herança escravocrata brasileira;
- 2) Investigar a percepção de riscos à saúde no trabalho;
- 3) Investigar a percepção de autonomia na sua atividade;
- 4) Analisar se as trabalhadoras domésticas percebem a relação de trabalho como um vínculo formal, ou seja, de venda de força de trabalho, e se há ainda relações de afeto nesse contexto.

Com base no exposto, para que os Objetivos Específicos (O.E.) deste trabalho sejam contemplados, propõem-se questões de estudo (Q) e respectivas hipóteses (H) apresentadas no Quadro 1:

Quadro 1 - Questões orientadoras e hipóteses desta dissertação:

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	HIPÓTESES
<p>QE.1. – Quais os principais fatores que interferem na saúde das mulheres empregadas domésticas?</p>	<p>H.1 – Sofrimento mental acentuado por conta de condições de trabalho precárias, jornadas exaustivas, suas relações de desigualdades raciais e de gênero e autoritarismo; incluindo depressão, ansiedade, exaustão, sentimentos de solidão, entre outros.</p>
<p>QE.2 – Como o grupo compreende a própria saúde no trabalho?</p>	<p>H.2 – A percepção da relação saúde e trabalho entre as trabalhadoras domésticas é ainda frágil, não permitindo, por parte delas, identificar o protagonismo do trabalho cotidiano e suas relações sociais e históricas inseridas como determinantes da saúde.</p>

Fonte: própria autora

1.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Desde o período da graduação, sempre optei por estudar e falar sobre temas que me atravessavam de alguma forma, como feminismo, saúde e trabalho. Na presente dissertação não poderia ser diferente. O trabalho doméstico, um emprego realizado majoritariamente por mulheres, marcado pela precarização, exploração e invisibilidade me chamou atenção. Dessa forma, pensei na possibilidade de poder dar visibilidade e chamar atenção às condições desse trabalho, por vezes precárias, que continuam existindo na nossa sociedade.

Para isso, não poderia deixar de lado a teoria Marxista, que também sempre fez parte de minha jornada, mesmo não tendo a oportunidade de aprofundar meu conhecimento no período da graduação, foram por meio de cursos, da própria militância e necessidade que sempre senti, que vi a possibilidade de estudar mais sobre essa teoria, que sempre me chamou tanto a atenção, principalmente por oferecer uma análise crítica com relação a exploração da força de trabalho, que gera desigualdades socioeconômicas profundas.

No caso de mulheres empregadas domésticas, percebe-se essa exploração principalmente pensando na informalidade e a desvalorização social do mesmo. Sendo assim, como mulher, investigar essas condições de trabalho e saúde dessas mulheres a fim de evidenciar a maneira como o sistema capitalista perpetua essa precarização e afeta diretamente na saúde física e mental dessas mulheres é de extrema importância para mim.

O trabalho doméstico também sempre se fez presente em minha vida, mas em uma forma de privilégio. Já convivi com diferentes mulheres que trabalharam em casas de minhas famílias e famílias de pessoas próximas a mim e à medida em que fui percebendo como essas relações se dão, fica ainda mais nítida essa injustiça e desigualdade que nos cercam. A melhor maneira que encontrei de organizar isso foi por este trabalho. Como dizem, “Que a injustiça não te entristeça, mas te radicalize!” E essa é minha forma mais singela e precisa de radicalização que posso oferecer. Estudar sobre esse ambiente de trabalho precário e procurar, dentro desses estudos, alguma alternativa que possa favorecer essas mulheres é o meu maior objetivo com esse trabalho.

Por fim, mas não menos importante, minha dissertação sobre a relação entre a saúde e o trabalho de mulheres empregadas domésticas é uma soma de anseios, experiências, vivências e necessidades que fui percebendo e adquirindo ao longo da minha vida, como mulher, como profissional de psicologia, como militante. Através do meu estudo espero conseguir contribuir não apenas academicamente, mas também auxiliar em busca de políticas públicas e na conscientização sobre a importância da valorização do trabalho doméstico, a fim

de ajudar a construir uma sociedade mais justa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITOS DE SAÚDE

A compreensão de saúde está presente no cotidiano em situações que abarcam desde a opção por determinado estilo de vida até a busca por diagnósticos e tratamentos específicos, evidenciando cada vez mais o interesse e a preocupação, tanto social como academicamente, de conceituar e compreender este fenômeno (BATISTELLA, 2007). Atrelado ao entendimento do conceito de saúde, segundo o autor, está o conceito de doença, que da mesma forma também possui diferentes explicações de acordo com os diferentes processos sociais, econômicos e políticos de cada época.

Com o surgimento das sociedades comunais no período paleolítico, observa-se uma das primeiras concepções de doença, que com a descoberta do fogo, assim como a criação de uma linguagem, geraram povos nômades que necessitavam de alimentos e água abundante para sobreviver. Sendo assim, a visão de doença predominante da época englobava àquelas nas quais o povo desconhecia, como quedas, cortes ou lesões relacionadas as caçadas, que eram tratadas como ações sobrenaturais de deuses ou demônios articulados por algum inimigo (BATISTELLA, 2007).

Este pensamento mágico-religioso, segundo Scliar (2002), era dominante entre os povos da Antiguidade e foi responsável pelo desenvolvimento inicial da prática médica, além de ser considerado uma forma de integração harmoniosa de um grupo social. Existiam, segundo o autor, diferentes papéis de cura para os indivíduos iniciados em cada cultura: Os xamãs e pajés para os Índios brasileiros, os sacerdotes para a população Inca, as benzedeadas e os curandeiros na África, entre outros. Estes indivíduos, considerados líderes espirituais, possuíam ligação com o universo sobrenatural e com forças da natureza, que lhes forneciam poderes de natureza ritualística, mágica e religiosa, sendo encarregados de fornecer uma cura, de exterminar o mal e assim, restabelecer o doente afastando-o destes espíritos malignos através de diferentes recursos.

No Brasil colônia, esta prática ritualística com a sabedoria de feiticeiros e curandeiros indígenas e africanos foi responsável por grande parte das curas deste período (SCLIAR, 2002). Com o maior desenvolvimento da vida comunitária, os problemas de saúde tornaram-se maiores, uma vez que no período Neolítico, com a origem dos primeiros aldeamentos, o

cultivo da terra e a produção do próprio alimento, o homem, que anteriormente era considerado nômade, passa a ser agricultor e pastor, encontrando-se fixo em lugares próximos a rios e vales, o que foi crucial para o aparecimento de novas doenças (ROSEN, 1994).

O período marcante para a libertação da medicina das práticas mágico-religiosas, porém, data à época da Grécia Antiga que apesar de ainda possuir crenças em divindades ligadas à saúde, a cura para os mesmos era obtida por meio de plantas e de métodos naturais e não apenas em procedimentos ritualísticos (SCLIAR, 2007). Dessa forma, surge Hipócrates que defendeu que doenças não são causadas por demônios ou deuses, mas sim por causas naturais que obedecem a leis naturais. Sendo assim, sua maneira de entender o processo de saúde/doença afastou-se do misticismo e aproximou-se do raciocínio dedutivo e da observação objetiva (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2002). Para Hipócrates, o bem estar de um indivíduo estava diretamente relacionado ao seu ambiente, ou seja, ao ar, a água, os locais que frequentava e a sua alimentação. Já a saúde era considerada uma demonstração de um equilíbrio entre os humores corporais: A bílis amarela gerada no fígado, a bílis negra, no baço, a fleuma, originada no cérebro e o sangue no coração. A doença, portanto, existia quando acontecia um desequilíbrio entre estes quatro humores, geralmente causados por influências externas, assim como as estações do ano (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2002).

Durante a Idade Média, com a ascensão do Cristianismo influenciado pela Igreja Católica, as representações de saúde e doença possuíam um caráter religioso (SEVALHO, 1993). Assim, existia uma estreita relação entre doença e pecado, com as doenças sendo considerados castigos de Deus, possessões do demônio ou cumprimento de pena pelos pecados cometidos (BATISTELLA, 2007). Segundo Batistella (2007), os cuidados passaram a ser realizados por religiosos que recomendavam invocações de santos, exorcismos, unções e outros procedimentos com o objetivo de purificar a alma uma vez que, pelos poucos recursos disponíveis, a interpretação cristã oferecia um alívio espiritual em que morrer era equivalente à libertação (ROSEN, 1994).

Com o surgimento da modernidade, segundo Scliar (2007), esta concepção religiosa sofre alterações, surgindo, durante o século XVII, as ideias de René Descartes que, segundo o autor, definiu uma cisão entre mente e corpo, que funcionava como uma máquina. Neste mesmo período os estudos da anatomia se desenvolvem, afastando a concepção humoral de Hipócrates da doença, que foi direcionada para os órgãos.

Neste passado relativamente recente, o conceito de saúde era difundido apenas como “ausência de doença”, demonstrando perspectivas redutoras deste conceito, que consideravam a doença e a saúde simplesmente como estados de desconfortos físicos ou de bem-estar. Com

estas definições, diversos pesquisadores e estudiosos deixavam de lado os componentes emocionais e sociais da saúde e da doença (BOLANDER, 1998).

Após a Segunda Guerra Mundial, com a criação da OMS (Organização Mundial da Saúde) e da ONU (Organização das Nações Unidas), existe o reconhecimento do direito à saúde e também da obrigação do Estado na promoção e proteção da mesma, fazendo com que o conceito de saúde seja considerado como “O mais completo bem-estar físico, mental e social, não apenas ausência de enfermidade” (SCLIAR, 2007).

Apesar de ser considerado um conceito inovador para a época, a definição de saúde estabelecida pela OMS torna-se alvo de críticas pela dificuldade de se estabelecer um conceito para uma vivência que, segundo Czeresnia (1999) está relacionado a experiências subjetivas e sobre formas nas quais a vida se manifesta. Sendo assim, “a saúde não é um objeto que pode ser limitado ao campo de conhecimento objetivo; a saúde não se traduz em um conceito científico” (CZERESNIA, 1999, p. 703). Segundo a autora, deve-se pensar a saúde como um movimento dinâmico e não cristalizado, já que algo que é saudável em determinado momento pode ser patológico em outro.

Para a ampliação deste conceito, portanto, consideram-se alguns eventos marcantes e de suma importância, como a Declaração de Alma-Ata¹, que teve por objetivo minimizar diferenças no desenvolvimento econômico e social de diferentes países (MENDES, 2004). Foi neste momento, segundo a autora, que se percebeu a importância da promoção da saúde como aspecto fundamental para o desenvolvimento de ambos, servindo de inspiração para a criação de outras iniciativas neste âmbito.

Sendo assim, em 1986 foi elaborada a Carta de Ottawa², que enfatizou a importância da equidade nos campos de ação de promoção da saúde e que foi acolhida por diferentes movimentos que ampliaram esta ideia, abarcando aspectos como a responsabilidade nas decisões políticas e a realização de políticas públicas no campo da saúde (MENDES, 2004).

Com as diferentes mudanças e desenvolvimentos para este campo, percebe-se a necessidade de se adaptar as questões econômicas, socioculturais e políticas nos cuidados a saúde, incluindo questões básicas como saneamento básico, prevenção e controle de doenças, planejamento familiar, entre outros (SCLIAR, 2007). Sendo inegável o caráter político

1 Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, realizado em Setembro de 1978, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em Alma-Ata, na República do Cazaquistão.

2 Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa em 21 de Novembro de 1986.

estabelecido no campo da saúde, é importante considerar a importância do acesso à saúde como um dos direitos primordiais na condição de cidadania (FLEURY; OUVÉRY, 2008).

Dessa forma, é necessário entender que as condições sociais e políticas advindas do capitalismo, começando em sua fase de produção industrial, contrapõem com os movimentos que pregavam igualdade, fraternidade e liberdade, denunciando as injustiças sociais decorrentes deste modelo econômico, principalmente no que diz respeito à saúde. As desigualdades sociais não são uma novidade. Assim, observa-se uma diferenciação entre as posições sociais e seus efeitos sobre a saúde (BARATA, 2009).

Roux (2022) complementa os argumentos de Barata (2004) ao descrever como os padrões sociais da saúde têm sido essenciais para demonstrar como as organizações sociais têm impactos profundos na mesma. Segundo a autora:

The simple quantification of differences in health by social class, race and ethnicity, or place of residence immediately suggests that social processes linked to economic systems and inequality, systemic racism, and residential segregation play a major role in shaping population health. Significant work in social epidemiology has focused on describing and quantifying this social patterning as a way to motivate more in-depth inquiry into causation, but also as a way to buttress the argument that there are significant health inequities by class, race, and neighborhood that need to be addressed, whatever the underlying processes driving these differences may be (p. 80)

Dessa forma, fica evidente como determinantes sociais como moradia, raça e classe impactam diretamente no processo de saúde e doença, desde a maneira com que a doença ou a saúde são percebidos, até a forma com que se lidam com eles.

Como bem critica Laurell (1982), urge a necessidade de uma posição crítica à explicação biológica da doença ainda muito enraizada na sociedade, a fim de possibilitar um debate sobre a saúde por um ângulo diferente, baseando-se no seu caráter social e coletivo. Mesmo assim, a autora ainda destaca dificuldades acerca do tema, uma vez que “uma nova prática não depende somente de uma interpretação do processo saúde-doença, mas também de que se coloque em bases sociais que a possam impulsionar e sustentar” (LAURELL, 1982, p. 17).

2.1.1 A QUESTÃO DO TRABALHO

2.1.2 O TRABALHO EM MARX

Entende-se que o trabalho, em uma visão Marxista, se dá não apenas por uma atividade realizada por alguém, mas que também está relacionada com o posicionamento desse indivíduo com relação a valores sociais instituídos, a sua inserção social, sua forma de se posicionar e se relacionar no mundo. É o trabalho que invade todas as áreas da vida, que o homem necessita para manter sua sobrevivência, transformar a natureza e também a si mesmo. (CARVALHO, 2019)

Sendo assim, segundo Marx (1983), é no trabalho que o homem expressa sua relação com a natureza, colocando em movimento as forças de seu próprio corpo; seus braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de transformar a matéria natural em algo útil para sua própria vida. Dessa forma, Marx explicita como o homem tem o domínio na totalidade de seu trabalho, em que o mesmo se regula e realiza a mediação de troca material com a natureza para poder satisfazer suas necessidades.

Fica evidente, portanto, a importância do homem e seu movimento, que condiciona a apropriação da matéria natural e a transforma em um conjunto de fenômenos que auxiliem na sua sobrevivência, transformando uma natureza de “potências adormecidas” em suas próprias forças a fim de satisfazer necessidades pessoais e também garantir sua própria vida (BARRADAS, 2012). Dessa forma, Marx (1983), diferencia os homens dos animais com relação ao processo de trabalho, com os seguintes dizeres:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo de trabalho, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo próprio conteúdo e pela espécie e modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos ele o aproveita, como jogo de suas próprias forças físicas e espirituais. (MARX, 1983, p. 297)

Contudo, com o advento do capitalismo, essa relação trabalhista observa mudanças à

medida em que o trabalho é determinado pelas contradições na propriedade privada dos meios de produção (MARX, 1983). Neste modelo burguês, segundo o autor, o trabalho perde sua característica de uma atividade vital humana e passa a ser uma atividade estranhada, em que o homem trabalha para satisfazer os interesses do capital e suas necessidades imediatas como comer, beber, entre outras.

O resultado dessa situação se dá na supervalorização do mundo das coisas em detrimento da valorização do ser humano, em que ocorre o processo de estranhamento humano no trabalho que acontece no produto do trabalho, na própria atividade, no ser genérico do homem e na relação com outros seres humanos. O trabalho, que anteriormente poderia ser visto como a criação de um mundo de bem-estar para os indivíduos transforma-se em uma realidade de sofrimento e miséria para uma parcela social, que nesse caso, é a classe trabalhadora (OLIVEIRA; 2010)

Quanto mais o trabalhador põe de si nos objetos que cria, mais este se torna estranho e assim, quanto mais trabalha, mais poderoso torna-se este mundo estranhado frente a ele (OLIVEIRA; 2010). Portanto, segundo Marx:

Quanto menos se comer, beber, comprar livros, for ao teatro ou a bailes, ou ao botequim, e quanto menos se pensar, amar, doutrinar, cantar, pintar, esgrimir, etc., tanto mais se poderá economizar e *maior* se tornará o tesouro imune à ferrugem e às traças - *o capital*. Quanto menos se *for*, quanto menos se exprimir nossa vida, tanto mais se *terá*, tanto maior será nossa vida *alienada* e maior será a economia de nosso ser alienado. Tudo o que o economista tira da gente sob a forma de vida e humanidade, devolve sob a de *dinheiro e riqueza*. E tudo que não se pode fazer, o dinheiro pode fazer para a gente; pode-se comer, beber, ir ao baile e ao teatro. Ele pode adquirir arte, saber, tesouros históricos, poder político; e pode-se viajar. Ele *pode* apropriar todas essas coisas para a gente, pode comprar tudo; ele é a verdadeira *opulência*. Mas, apesar de poder fazer tudo isso, ele só quer *criar* a si mesmo, e comprar a si mesmo, pois tudo mais se lhe submete. Quando se possui o dono, também se possui o servo, e ninguém precisa do servo do dono. Dessa maneira, todas as paixões e atividades têm de ser submersas na *avareza*. O trabalhador deve ter apenas o que lhe é necessário para desejar viver, e deve desejar viver para ter isso (MARX; [2004]).

Dessa forma, é inevitável pensar sobre a questão do trabalho doméstico assalariado, um grupo que se encontra na categoria da classe trabalhadora, mas apesar de executar uma atividade que se encontra nos moldes capitalistas, é um trabalho que não serve diretamente aos interesses do capital.

O emprego doméstico, de acordo com Saffioti (1978), tem relação com o modo de produção escravista, que é anterior ao capitalismo e desenvolvido essencialmente por mulheres negras. A autora também realiza uma comparação de atividades presentes no serviço doméstico que são ofertados por empresas terceirizadas, como universidades, hospitais, entre outros, que se diferem do serviço doméstico que é realizado diretamente

para as famílias, foco do presente estudo.

As atividades de serviço doméstico ofertadas por empresas terceirizadas encontram-se dentro dos moldes capitalistas de produção, enquanto que os serviços realizados diretamente para as famílias não se encontram nesse modelo. Dessa forma, parte-se do pressuposto de que as formações sociais capitalistas coexistem com formas não capitalistas de trabalho, nas palavras de Saffioti:

[...] O capitalismo não tem nem condições nem interesse em eliminar formas não capitalistas de atividades econômicas, já que nelas está contida uma força de trabalho absorvível, pelo menos parcialmente, pelas atividades capitalistas em momentos de prosperidade econômica, e que deverá encontrar maneiras de sobreviver quando o setor capitalista da economia repele e expulsa mão-de-obra. Nestes momentos, as formas não capitalistas de atividades econômicas possibilitam uma redistribuição parcial da renda nacional, criando as condições para a sobrevivência de certos grupos e amenizando ou pospondo a crise de realização da mais-valia (Saffioti, 1978, p. 184-185).

A coexistência do trabalho no capitalismo e atividades não capitalistas de trabalho não apresentam consequências apenas na circulação de mercadorias e a população mais pobre é a que mais sofre com as formas não capitalistas de produção de bens e serviços (SAFFIOTI, 1978). A autora ainda aponta que a função do emprego doméstico assalariado e não assalariado é fundamental para o capitalismo por criar condições para sua reprodução.

Limpeza de casa, limpeza de roupas, alimentação e cuidado com crianças, consideradas atividades que nunca geraram lucro e são desvalorizadas e desqualificadas, por serem também atividades vistas como algo feminino e natural de mulheres, nunca apresentaram um reconhecimento social (SAFFIOTI, 1978).

Por isso, se faz importante falar sobre a saúde do trabalhador e, em especial, das mulheres trabalhadoras domésticas, que realizam esta atividade não capitalista. Para isso, se faz necessário uma breve introdução à saúde do trabalhador.

2.2 SAÚDE DO TRABALHADOR

Por meio da Revolução Industrial o trabalho em ambientes fechados, comumente chamados de fábricas, tornou-se normal. Êxodo rural e outras questões urbanas juntaram-se as péssimas condições e ambientes trabalhistas modificando o perfil de adoecimento dos trabalhadores, que, nesse momento, sofriam com doenças nas áreas fabris. O resultado disso, foi a preocupação e intervenção dos governos dentro das fábricas, acarretando a presença de médicos dentro desses ambientes no início do século XIX (FRIAS, 1999).

Assim, surge a medicina do trabalho como especialidade médica, com o objetivo de auxiliar trabalhadores que estavam submetidos a um processo acelerado e desumano e produção sob pena de tornar inviável a continuação e reprodução desse mesmo processo (MENDES, 1991).

Algumas das propostas desse trabalho, considerado controverso, estavam na necessidade dos serviços centrados na figura de um médico, de alguém que fosse confiável para o empresário. Essa atitude representava um esforço para perceber processos danosos à saúde ao mesmo tempo em que a presença do médico era como um braço para o empresário para a recuperação do trabalhador a fim de retornar à linha de produção (GOMEZ; THEDIN-COSTA, 1997).

Dessa forma, instaurava-se uma característica percebida mesmo nos dias atuais de, sob uma visão individual e biológica, em uma relação unicausal, buscar as causas de doenças e acidente dentro do local de trabalho (GOMEZ; THEDIN-COSTA, 1997).

Porém, a partir do século XX com a consolidação e expansão do movimento iniciado com a revolução industrial, surge a necessidade de uma regulamentação e organização do processo de trabalho, criando-se, em 1919, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), que já reconhecia os adoecimentos profissionais (FRIAS, 1999).

Com os avanços da tecnologia industrial e com os impactos sofridos pelos trabalhadores pós Segunda Guerra, principalmente relacionados às perdas abruptas seja pelo conflito bélico ou por acidentes e doenças de trabalho, os questionamentos e insatisfações com relação ao modelo anteriormente estabelecido foram crescendo (MENDES, 1991).

Concomitantemente, com o advento do capitalismo e sua transformação da relação do homem com o trabalho e a natureza, movimentos como fordismo, taylorismo, fazem-se presentes, convertendo o trabalhador de sujeito em objeto, visando, principalmente, a produtividade e a conquista do mercado (FRIAS, 1999).

As ciências evoluem, dando abertura a novos campos do saber, como as ciências

sociais, química, os primeiros conceitos de Higiene Industrial, Medicina Preventiva, que auxiliaram na configuração de um novo modelo, a Saúde Ocupacional (FRIAS, 1999), que conta também com a necessidade de ampliação da atuação médica direcionada ao trabalhador pela intervenção sobre o ambiente e com auxílio de outras disciplinas e profissões. Surge, então, a “Saúde Ocupacional” (MENDES, 1991).

Com traços de multi e interdisciplinaridade, a saúde ocupacional dentro das grandes empresas aparece como o objetivo de integrar equipes progressivamente multi-profissionais com base na Higiene Industrial e relacionando ambiente de trabalho com corpo do trabalhador, incorporando a teoria da multicausalidade (GOMEZ, THEDIN-COSTA, 1997).

Porém, os agentes/riscos de doenças no trabalho, ainda são marcados como objetos específicos do ambiente trabalhista, descontextualizados das razões de suas origens. Percebe-se na Saúde Ocupacional uma repetição das mesmas limitações presentes na Medicina do trabalho, em que intervenções que deveriam assegurar a saúde do trabalhador em um sentido mais amplo, restringem-se a intervenções pontuais (MENDES, 1991).

Marcados por questionamentos sobre o sentido da vida, do trabalho, do valor da liberdade, a década de 1960 trouxe, predominantemente na Europa, movimentos políticos e sociais que puseram em xeque o lado sagrado e místico do trabalho, fortemente cultivado no pensamento cristão e capitalista, o que favorece, em alguns países, à exigência da participação dos trabalhadores no que diz respeito a questão de saúde e segurança, tipificando situações concretas dos cotidianos desses trabalhadores, incluindo morte, sofrimento e doenças (MENDES, 1991).

Sendo assim, diferentes mudanças na legislação de saúde e segurança dos trabalhadores aconteceram em diferentes países, atingindo, enfim, a América Latina, que marcada por uma turbulência político-social e a necessidade de mudanças, fez com que lutas democratizantes e reformas fossem implementadas em todo o continente (FRIAS, 1999).

Especificamente no Brasil, essa realidade acontece com a redemocratização do país, que após mais de 20 anos de um regime político ditatorial, promulga-se a nova Constituição Federal em 1988 e, dessa forma, a Saúde figura pela primeira vez como direito social. Da mesma forma, movimentos sindicais se fazem importantes para reivindicações de democracia dentro das fábricas e maiores participações no controle de trabalho (SATO, LACAZ, BERNARDO, 2006).

Através dessas reivindicações surgem propostas de ações em saúde dos trabalhadores na saúde pública que promoviam assistência, promoção e prevenção através de equipes multiprofissionais (LACAZ, 1996). Assim é construído o conceito da Saúde do trabalhador

como uma resposta à ruptura com as formas passadas de produzir e viver, marcados pelo papel da grande indústria e pela extrema exploração da força de trabalho, onde os trabalhadores buscavam a regulamentação da jornada de trabalho e melhores salários, além de defender sua saúde e integridade física (RIBEIRO; LACAZ, 1984).

A saúde do trabalhador também é estabelecida em um momento em que, à luz do capital, dá um novo foco para homens e mulheres trabalhadores. Com influências dos trabalhos de Laurell e Noriega, o objeto da saúde do trabalhador como importante parte do processo de saúde-doença no trabalho se fez essencial (FRIAS, 1999).

Dessa forma, segundo Tambellini (1985), pode-se definir a saúde do trabalhador como uma área de conhecimento e aplicação técnica que entende os diferentes fatores que afetam a saúde dos trabalhadores e seus familiares, independentemente do local que venham e das consequências desses fatores sobre os trabalhadores (as doenças) e das diferentes maneiras de lidar sobre essas condições.

Sendo assim, fica claro o papel do trabalhador como um ser social e dinâmico que reage e sofre as pressões do capital e que, ao mesmo tempo, também desenvolve mecanismos para lidar com o novo tempo e modelo de organização do processo de trabalho (FRIAS, 1999), mas como as trabalhadoras domésticas assalariadas são afetadas por este sistema?

2.3 O TRABALHO DOMÉSTICO

Para se falar sobre o trabalho doméstico no Brasil, é necessário voltar para o período de 1500, conhecido como Brasil Colonial. Este período, que vigorou dos séculos XVI ao XIX, é caracterizado pela chegada dos primeiros portugueses no Brasil, mas também marcado pelos ciclos econômicos da mineração e do açúcar. O ciclo da mineração, por sua vez, tornou-se uma atividade que motivou o tráfico negreiro uma vez que se transformou eventualmente em uma ação lucrativa para a metrópole portuguesa ao liberar o ingresso de escravos vindos da África no Brasil (LORETO; BIFANO, 2017).

Foi então que, segundo Freyre (2013), ao ser consolidada econômica e civilmente a sociedade colonial, tinha-se como base a agricultura, juntamente com a base patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão e a união do português com a mulher indígena. Cria-se, segundo o autor, uma sociedade que era agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, com indígenas - e depois, negros - em sua composição. Nessas configurações, quase não se desenvolveria consciência de raça.

Em se tratando da população negra, considera-se o tráfico como o responsável pelo arrebatamento de milhões de homens e mulheres na África para serem escravizados na América, principalmente no Brasil, em que ocorreu um grande investimento econômico e cultural do capitalismo europeu, formando um novo sistema econômico mundial (LEITE, 2017).

Com o objetivo de obter lucros rápidos a partir do comércio de especiarias e da exploração de terras na América, a política expansionista de países europeus se fez presente. Assim, para garantir essa produção agrícola em grande escala, foram instituídos o tráfico e escravização de homens e mulheres no empreendimento colonial português dentro do Brasil (LEITE, 2017). Estima-se, segundo a autora, que 40% de homens e mulheres tenham sido vítimas desse movimento que constituiu quase a força total de trabalho existente durante os mais de 300 anos em que vigorou a instituição escravocrata brasileira.

Com a atividade açucareira, a partir de meados do século XVI, os colonizadores percebem a necessidade de mais mão de obra escrava, marcando, durante o período Imperial, com a vinda da família Real ao Brasil, a segregação entre os escravos da senzala e os escravos domésticos (BORTOLETTI; CASTRO; BUGALHO, 2021). Mas o trabalho das mulheres escravas, seja no período colonial ou imperial, sempre foi voltado para a cozinha, ou afazeres domésticos e organização de lares (MEDEIROS, 2007).

Essas atividades foram imprescindíveis para a estruturação hierárquica e patriarcal

durante o período da escravidão, a regulação das relações entre senhoras e escravas era pautada no modelo de dominação de classes, definido por padrões de superioridade e inferioridade, em que as mulheres negras escravas se encontravam sempre no lugar de inferioridade, mesmo sendo quem amamentou os filhos de suas senhoras (PEREIRA, s/d).

Portanto, segundo Graham (1992), o âmbito do trabalho doméstico nesse período vai constituir, essencialmente:

[...] As mucamas, as amas-de-leite e, no outro, as carregadoras de água ocasionais, as lavadeiras e costureiras. Até mesmo as mulheres que vendiam frutas, verduras ou doces na rua eram geralmente escravas que, com frequência, desdobravam-se também em criadas da casa durante parte do dia. A meio caminho estavam as cozinheiras, copeiras e arrumadeiras. O que as distinguiu não era apenas o valor aparente de seu trabalho para o bem-estar da família, refletindo no contato diário que cada um tinha com os membros desta, mas também o grau de supervisão. [...]
(GRAHAM, 1992, p.18)

No vínculo dessas mulheres com seus senhores, segundo Freyre (2013), existia uma relação de afeto, quase de mãe e filho, mas que não impedia e nem constituía nenhuma garantia de que essa mulher não seria abusada ou vítima de castigos. Entre outros, era comum os casos de sinhás que arrancavam os olhos de suas escravas ou até mesmo cortar seus seios. Essa relação de afeto, segundo o autor, era uma relação que beneficiava apenas os seus senhores, afeto este que não era capaz de impedir ou interromper a humilhação ou a exploração dessas mulheres.

Ferindo princípios fundamentais como a vida, a dignidade, igualdade e liberdade, o fenômeno da escravidão foi contraditório em diferentes sentidos, pois também contrariou os próprios fundamentos que davam sustentação ao capitalismo e o liberalismo, movimentos que priorizam a liberdade econômica, política e a individual (LEITE, 2017).

Através de movimentos de resistência realizados pelos próprios escravizados, a abolição foi historicamente conquistada. Apesar disso, a mesma não significou a instituição dos direitos de cidadania dos ex-escravos, que precisaram organizar diversos movimentos de luta pela defesa de seus direitos e contra os estereótipos racistas estabelecidos nesse período (LEITE, 2017).

A partir do século XIX foi-se constituindo no Brasil um processo gradativo de mudança do trabalho escravo para o assalariado; que, pressionados pela Inglaterra que percebera, no meio de uma grande expansão do capitalismo industrial, que manter a população escravizada diminuiria seriamente seu mercado consumidor, é que foram instauradas gradativamente medidas para que o trabalho escravo fosse substituído pelo

assalariado (GORENDER, 2016).

Abolir a escravidão significava, no Brasil, a possibilidade de um novo regime capitalista de se erguer. Esse processo tinha apenas o objetivo de impulsionar essa nova indústria na pauta de economias capitalistas industrializadas. Quando garantida a liberdade desses escravos através da Lei Áurea (1888), não houve nenhuma preocupação na inserção dessa população na sociedade (CARVALHO, 2019).

Dessa forma, trabalho doméstico no pós-abolição assume características muito semelhantes a estrutura escravista anteriormente vigente. Segundo Gomes e Cunha (2007):

[...] A sujeição, a subordinação e a desumanização, que davam inteligibilidade à experiência do cativo, foram requalificadas num contexto posterior ao término formal da escravidão, no qual relações de trabalho, de hierarquias e de poder abrigaram identidades sociais se não idênticas, similares àquelas que determinada historiografia qualificou como exclusivas ou características das relações senhor – escravo (p.11).

É neste momento que o trabalho da mulher negra para o emprego doméstico se tornou frequente, uma vez que muitas mulheres continuaram trabalhando em casas de família em troca de casa e comida (SAFFIOTTI, 1978). Assim, o trabalho doméstico ocupa um lugar de centralidade entre ex-senhores e ex-escravas, principalmente nos grandes centros urbanos. As mulheres negras passam a executar tarefas do lar, mas com diferentes arranjos sociais como contratos de locação de serviço, além de terem as mulheres que, por não terem para onde ir, continuaram exercendo o mesmo trabalho de cuidado da casa e da família patriarcal (PEREIRA, s/d).

O trabalho como empregada doméstica ressurgiu na vida das mulheres negras, em partes como porta de entrada para o mercado de trabalho, mas também como única forma possível de ocupação oferecida a essas mulheres. É inegável a precariedade estrutural atribuída a esse trabalho, com mulheres que foram colocadas na pobreza extrema, deixando de fora a regulação salarial estatal. Percebe-se, assim, como o trabalho doméstico, por si só, apresenta a síntese de dominação, assim como está associado a opressões seculares de gênero, raça e classe (PEREIRA, s/d).

A partir de 2013, com a aprovação da conhecida “PEC das domésticas”, houve uma tentativa de reverter esse quadro, incluindo as trabalhadoras no regime CLT (Consolidação das Leis de Trabalho), modificando o artigo 7 da Constituição, que restringia seus direitos trabalhistas apenas a salário mínimo, irredutibilidade do salário, 13º salário, repouso semanal, férias anuais remuneradas, licença gestante, paternidade, aviso prévio e aposentadoria. Excluindo dessas mulheres a garantia de um seguro-desemprego, acesso ao FGTS, não deixava garantia sobre a limitação da jornada de trabalho, horas extras ou compensação de

horas noturnas. Também não existia a obrigação dos empregadores assinarem a carteira de trabalho, o que fez com que esses direitos básicos nunca fossem de fato realizados.

Com a aprovação dessa lei, a mídia verbalizou ser o fim da escravidão no Brasil e que essas mulheres agora teriam os mesmos direitos que os demais trabalhadores. A realidade é que muitas mulheres empregadas domésticas discordam de alguns pontos propostos nessa lei, como com relação ao banco de horas extras, que permite ao empregador não compensar as horas extras durante os primeiros 12 meses caso haja demissão por justa causa (ACCIARI, 2016).

Sendo assim, a posição das mulheres que participam de sindicatos a favor das trabalhadoras domésticas se contrasta com o discurso oficial de segunda abolição da escravidão. Percebe-se, assim, como mesmo com alguns direitos garantidos, a herança escravocrata se faz presente nesse trabalho, de diferentes formas (ACCIARI, 2016).

2.4 SAÚDE E TRABALHO DOMÉSTICO

Nos capítulos anteriores, se viu a importância dos estudos e práticas sobre a saúde e saúde dos trabalhadores, porém, as mulheres empregadas domésticas têm sido pouco contempladas por este debate, principalmente pelo lugar de “inferioridade” no qual são colocadas (TAMANINI, 2000). Dito isso, é importante discorrer sobre a importância da saúde dessas mulheres.

Historicamente, através das diferentes relações sociais de sexo foi implementada a divisão do trabalho social, que tem por característica a destinação dos homens a esfera social produtiva e a das mulheres à reprodutiva, produzindo um princípio de separação (trabalhos masculinos e femininos) e também de hierarquização (um trabalho de um homem “vale” mais do que o de uma mulher) (KERGOAT, 2003). Dessa forma, Federici (2017) demonstra que, nas relações capitalistas, as discriminações sofridas pelas mulheres foram construídas através de diferenças sexuais existentes, sendo um sistema econômico que está necessariamente ligado ao sexismo e ao racismo.

Neste sistema econômico, com a acumulação e destruição da força de trabalho, são as mulheres que pagam o preço mais alto, com seus corpos, trabalho e vidas (FEDERICI, 2017). Um sistema que, segundo a autora, foi se constituindo lentamente, com as mulheres renegadas ao lar, com as tarefas de terem filhos, cuidar do lar e da família, enquanto os homens trabalhavam fora de casa, construindo uma cultura que associa a feminilidade aos cuidados com a casa, filhos e marido. O trabalho doméstico é consolidado como um trabalho essencialmente feminino.

Considerando que o trabalho doméstico remunerado, como visto anteriormente, é advindo de um processo de escravidão ainda presente no país, entende-se, portanto, que, como aponta Biroli (2018), existe uma discrepância também com relação às classes sociais. Uma classe social mais abastada não considera o trabalho doméstico como uma discussão, pois as mesmas delegam essa tarefa para mulheres de classes menos favorecidas. Assim, a divisão sexual do trabalho apenas foi modificada e se articula com a divisão social. As mulheres de classes menos favorecidas se encontram em uma situação em que, diariamente, enfrentam essa articulação por, muitas vezes, após realizarem seu trabalho na casa de suas patroas, voltam e exercem o mesmo trabalho em suas próprias residências (BIROLI, 2018).

E de que maneira essas condições afetam a saúde dessas mulheres? Riscos de doenças respiratórias, dermatológicas e alergias, que estão relacionadas com látex, umidade ou agentes de limpeza, devido a materiais que podem estar contaminados. Problemas cardiovasculares podem ser também uma possibilidade devido a grande tensão existente no trabalho e podem

estar relacionados, mesmo que indiretamente, a comportamentos adversos à saúde como uso abusivo de álcool, tabagismo e hábitos alimentares não saudáveis (CHARLES; LOOMIS; DEMISSIE, 2009).

Também existe a possibilidade do desenvolvimento de transtornos mentais devido a estressores psicossociais e distúrbios musculoesqueléticos que podem ser desencadeados ou agravados pelas condições do trabalho, que podem estar relacionados com movimentos repetitivos, ritmos intensos de trabalho, posturas inadequadas, uso de forças e o fato de permanecer em pé por diversas horas, sendo as mulheres adultas que realizam serviços de limpeza as mulheres que mais frequentam centros de reabilitação física no Brasil (OLIVEIRA et al, 2015; FREITAS et al 2015; CARDOSO et al, 2017).

Em 2020, um estudo realizado por Ish et al., avaliou o bem-estar mental de 56 empregadas domésticas hispânicas que trabalhavam na cidade de San Antônio no Texas e foram identificados diferentes estressores psicossociais além da presença de sintomas musculoesqueléticos em 78% das voluntárias.

Dadas estas condições algumas leis são incrementadas a fim de propor melhorias na saúde e no trabalho dessas mulheres, uma vez que, até o ano de 2013, o trabalho doméstico remunerado, sempre esteve à margem dos direitos trabalhistas, o que facilitava ainda mais esses processos de discriminação e adoecimento no trabalho. Foi apenas com a aprovação da Emenda Constitucional nº 72 que alguns direitos foram garantidos. Anterior a isso, o próprio Estado brasileiro era quem formulava os parâmetros constitucionais, o que acarretava acessos limitados para esta categoria profissional (FRAGA; MONTICELLI, 2021).

Destaca-se, portanto, a Lei Complementar nº 150/2015, mais conhecida como PEC das domésticas, que muda essa realidade e assegura de maneira formal os direitos para essas trabalhadoras, os mesmos estabelecidos pela Constituição Brasileira. Um acesso mais igualitário para a justiça, regulamentação de explorações e desigualdades, com o seguro-desemprego, FGTS, garantia de salário-mínimo, entre outros direitos. Aprovação esta que só foi possível pelo longo processo de reivindicações sindicais dessa categoria de trabalhadoras (FRAGA; MONTICELLI, 2021).

Assim, de acordo com Fraga e Monticelli (2021): A famosa “PEC das Domésticas” foi aprovada após muitos anos de audiências públicas que envolveram cinco distintos grupos: órgãos estatais, representantes da sociedade civil, institutos internacionais, juristas e professores/as, pesquisadores/as do tema. Nessas audiências, a ampliação dos direitos trabalhistas era colocada como essencial para um Estado Democrático, que tem por objetivo combater injustiças e desigualdades. A promoção de igualdade de direitos trabalhistas foi pensada como uma das principais estratégias para retirar o trabalho doméstico remunerado de um quadro de marginalização, não o colocando como uma “segunda categoria” de trabalho

e propiciando espaço para que milhares de mulheres tivessem acesso aos seus direitos plenos e à cidadania (p. 04).

Apesar de alguns direitos terem sido garantidos a fim de auxiliar na melhoria da saúde e do trabalho dessas mulheres, é importante lembrar que o trabalho das mesmas ainda se encontra em um espaço que existe uma exploração, grande informalidade e que, pautadas na divisão sexual, social e desigual do trabalho, ainda não garante uma emancipação profissional de direitos, sendo importante ainda refletir sobre novas formas de estabelecer a relação entre este mercado e a família na sociedade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo realizado do tipo transversal qualitativo buscou compreender a dinâmica do ser humano com o objetivo de interpretar os diferentes fenômenos a partir dos significados expostos pelas pessoas (TURATO, 2005). Para isso, o estudo foi dividido em duas fases principais. Na primeira fase, realizou-se o procedimento de revisão bibliográfica sobre as relações de trabalho no contexto social e histórica da trabalhadora doméstica, sob uma perspectiva marxista e ainda tendo como referência aspectos associados às concepções de desenvolvimento, tendo como referência a categoria de “trabalho decente”, segundo Arrighi (1996), bem como a relação saúde e trabalho.

Já a segunda fase consistiu na aplicação de uma entrevista, uma técnica que possibilita a observação de dados como sentimentos e pensamentos, aspectos que são considerados de difícil acesso através da observação direta, facilitando a obtenção de informações sobre os mais variados tópicos (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 2004). Os cuidados com esta técnica, segundo as autoras, se encontram no respeito do pesquisador com o entrevistado considerando o horário marcado, sua cultura e valores, além da necessidade do pesquisador aprender a ouvir atentamente e estimular o fluxo de informações por parte do entrevistado.

A entrevista pode ser considerada como estruturada ou fechada, semiestruturada e livre ou aberta. Neste trabalho, foi utilizada a entrevista semiestruturada.

A entrevista semiestruturada parte de alguns questionamentos básicos baseados em hipóteses de interesse à pesquisa, mas que podem ser modificados e geradores de novas hipóteses ao longo das respostas do entrevistado, que acaba por participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 2004). Para as autoras, na entrevista semiestruturada, as perguntas consistem na teoria estudada pelo investigador, mas também das informações trazidas pelos participantes sobre o fenômeno de interesse. É importante ressaltar o cuidado do entrevistador com os aspectos não-verbais. Gestos, entonações, expressões são importantes para a compreensão do que foi dito (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 2004).

Por fim, a presente pesquisa utilizou-se do método do discurso do sujeito coletivo (DSC) para a análise das entrevistas. A partir dos pressupostos da Teoria das Representações Sociais, o DSC tem por objetivo de reestabelecer essas representações sociais preservando a dimensão individual juntamente com sua dimensão coletiva (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014).

3.1 LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi conduzida na cidade de Itajubá - Minas Gerais, que segundo o IBGE (2021), possui área territorial de 294,835 km² e população de aproximadamente de 97.782 pessoas.

Um processo amostral em bola de neve, que, segundo Vinuto (2014), consiste na seleção de informantes chave, chamados de sementes, para localizar pessoas que possuem o perfil necessário para a pesquisa dentro da população geral, foi conduzido para formar os grupos participantes. O papel das sementes consiste em auxiliar o pesquisador a iniciar o contato com o grupo a ser pesquisado.

Em um segundo momento, foi requisitado para as pessoas indicadas por essas sementes que indicassem contatos novos com as características desejadas através da própria rede pessoal e assim sucessivamente até que o quadro de amostragem cresça conforme o interesse do pesquisador. (VINUTO, 2014).

Dessa forma, participaram do estudo mulheres cuja idade seja igual ou superior a 18 anos, dispostas a responder a entrevista elaborada pela pesquisadora e que foram abordadas em “repúblicas” de estudantes, edifícios residenciais ou em seus domicílios.

3.2 TABULAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A pesquisa foi realizada por meio de amostragem em bola de neve em um universo de 20 mulheres. O critério de escolha de uma amostra foi de acordo com a disponibilidade das trabalhadoras domésticas devido limitado tempo devido ao trabalho em diferentes residências. O objetivo de entrevistar uma amostra reduzida, utilizando os métodos do DSC.

3.2.1 MÉTODO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

A análise qualitativa foi realizada através do método do “Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), idealizada por Lefèvre; Lefèvre (2005) que se baseia, essencialmente na Teoria das Representações Sociais (TRS) com o objetivo de clarear as representações sociais e ideias coletivas através de um discurso individual.

O DSC, como uma técnica de pesquisa qualitativa irá analisar o material das entrevistas coletado, realizado por um roteiro de questões abertas, e assim, evidenciar em cada resposta suas Ideias Centrais e suas Correspondentes Expressões Chaves. Com as Expressões Chave das Ideias Centrais semelhantes, um ou vários DSCs se formarão, como a fala ou o

depoimento de uma coletividade (LEFÈVRE et al, 2008).

Dessa forma, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) se divide em alguns instrumentos básicos, sendo eles, a Ideia Central, Expressão Chave, Ancoragem e Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE; CARDOSO; MAZZA, 2002), que são explicados no quadro a seguir:

Quadro 2 - Instrumentos básicos que fazem parte do DSC

Ideia Central (IC)	Nome ou expressão linguística que revela e descreve da maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível o sentido das afirmações específicas presentes em cada um dos discursos analisados e em cada conjunto homogêneo de ECH - é uma descrição do sentido de um depoimento ou conjunto de depoimentos
Expressões Chave (ECH)	São pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhados, iluminados, coloridos, pelo pesquisador e que revelam a essência do depoimento ou a teoria subjacente.
Ancoragem (AC)	Um dado conteúdo discursivo presente em um determinado depoimento, que é a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença, ou valor que o autor do discurso professa e que está sendo usada pelo enunciador para enquadrar uma situação específica
Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)	Discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECHs que tem IC's ou AC's semelhantes.

Fonte: Própria autora

Portanto, para a análise dos dados, em um primeiro momento foram transcritas todas as entrevistas, que foram gravadas através do celular da pesquisadora, para se ter uma análise geral, em seguida esse material transcrito foi cuidadosamente analisado e lido pela pesquisadora para assim identificar as Expressões Chave e Ideias centrais contidas nas falas das entrevistadas e, por fim, a construção dos Discurso do Sujeito Coletivo. As perguntas norteadoras podem ser visualizadas no Quadro 3:

Quadro 3 - Perguntas norteadoras das entrevistas realizadas

Pergunta	Objetivo almejado
Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)	Objetivo nº 1: Identificar estratégias que essas mulheres utilizam para lidar com diferentes casas no dia-a-dia
Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?	Objetivo nº 2: Interpretar como o grupo compreende a própria saúde no trabalho.
Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?	Objetivo nº 3: Interpretar como o grupo compreende a relação entre patroas(ões) e empregada.
Você já sofreu algum tipo de discriminação?	Objetivo nº 4: Interpretar como o grupo percebe situações de discriminação e preconceito no ambiente de trabalho.
Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.	Objetivo nº 5: Deixar que o grupo discorra sobre os significados do trabalho e seus sentimentos.

Fonte: Própria autora

Para realizar a análise do DSC inicialmente foram identificadas as Expressões Chave (ECH), que são trechos do discurso em que a literalidade se faz importante para identificar seus sentidos. Após as ECH serem identificadas, coube a pesquisadora criar uma expressão linguística que descrevesse de forma resumida os sentidos de cada um dos grupos de expressão chave com o mesmo sentido, formando-se as Ideias Centrais (IC).

As Ideias Centrais (IC) foram nomeadas pela pesquisadora por meio de afirmações específicas que estavam presentes em cada um dos depoimentos analisados e em cada conjunto homogêneo de Expressões Chave (ECH).

Essa metodologia, realizada manualmente, organizou os dados qualitativos de natureza verbal que foram obtidos nas entrevistas com as mulheres trabalhadoras domésticas. Com as entrevistas transcritas, foram selecionadas as Expressões Chaves através de uma nova leitura das mesmas. Com todas as Expressões Chaves delimitadas, criou-se blocos temáticos para selecionar as ideias centrais provisórias de cada uma das respostas.

A realização da entrevista contou com cinco perguntas norteadoras, totalizando 21 registros de discursos, levando em consideração que cada sujeito pode ter manifestado mais de uma IC, e que também houveram sujeitos que não manifestaram nenhuma.

No Quadro 4 encontra-se um exemplo fundamentado na fala de um dos sujeitos, para melhor compreensão dos procedimentos descritos.

Quadro 4 - Exemplo da construção do Discurso do Sujeito Coletivo utilizada no presente estudo com mulheres empregadas domésticas.

Pergunta	Resposta	Expressões Chaves	Ideias Centrais
Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)	Então, o que eu falo, eu vou de manhã, levanto de manhãzinha, vou na academia, levanto muito cedo, umas 5:30, 6:0, e às vezes a noite, a tarde, eu marco unha, faço e eu venho pra casa. Hoje eu sou sozinha daí não tenho muita preocupação, mas antes era um fervor aqui em casa, porque era marido, era os filhos, mas eu conciliei tudo na maior tranquilidade. Tem dias que eu estou muito cansada, muito cansada mesmo. Mas aí nada como uma noite bem dormida. E outra coisa que eu falo assim, que se fosse pra eu trabalhar num lugar que eu não gostasse que não me tratasse bem, aí seria mais difícil mas eu tenho o maior prazer do mundo em trabalhar. Eles são muito bons pra mim. Então eu acho que isso é uma conciliação, porque você estando bem com as pessoas, você está bem disposta e dá pra conciliar tudo.	Conciliei tudo na maior tranquilidade; E outra coisa que eu falo assim, que se fosse pra eu trabalhar num lugar que eu não gostasse que não me tratasse bem, aí seria mais difícil.	Conciliei com tranquilidade pois gosto da onde trabalho.

Fonte: própria autora

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), com a gravação das respostas, através do celular da pesquisadora, e aplicação de um questionário sociodemográfico (APÊNDICE B).

A própria pesquisadora entrevistou e aplicou o questionário com as mulheres que eram entrevistadas em horários agendados em comum acordo entre ambas as partes.

3.3.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

- Inclusão: Mulheres trabalhadoras domésticas assalariadas maiores de idade na data da pesquisa que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).
- Não inclusão: Mulheres trabalhadoras domésticas assalariadas menores de idade na data da pesquisa, pessoas que não tinham condições de saúde ou incapacidade cognitiva para participar da pesquisa.
- Exclusão: Mulheres trabalhadoras domésticas assalariadas que não aceitaram participar da pesquisa ou que solicitaram a saída da pesquisa a qualquer momento e trabalhadoras domésticas assalariadas que não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além de trabalhadoras classificadas como diaristas ou eventuais.

3.4 QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA

A autonomia do participante do estudo foi respeitada em virtude da permissão de participar da pesquisa, após o fornecimento das instruções para orientá-lo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o estudo oficializou a decisão do usuário de participar do estudo, de maneira livre e espontânea. Foram respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes das participantes. Também foram previstos os procedimentos que asseguraram a confiabilidade, o anonimato das informações, a privacidade e a proteção da imagem dos usuários, garantindo-lhes que as informações obtidas não serão utilizadas em prejuízo de qualquer natureza para elas. A participante teria o direito de se retirar do estudo se assim desejar, em qualquer estágio da pesquisa, sem qualquer prejuízo a ela.

Os dados coletados foram gravados pela pesquisadora, arquivados por cinco anos e posteriormente serão descartados de forma ecológica. Destaca-se, também, que o projeto considera a divulgação dos resultados do estudo por meio de publicações de artigos em

revistas científicas e participação em eventos científicos.

O presente estudo seguiu os preceitos estabelecidos pela Resolução 466/12, de 12/12/2012, do Ministério da Saúde que aborda a ética na pesquisa envolvendo seres humanos.

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), envolvendo seres humano conforme Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Itajubá (FEPI). Tais etapas da pesquisa foram realizadas sob a assinatura do TCLE (APÊNDICE C).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram entrevistadas vinte mulheres, com idades entre 37 a 87 anos de idade. Dessas mulheres, 20% se consideram negras, 60% se consideram pardas e 20% se consideram brancas. 45% apresentavam Ensino Fundamental incompleto, 30% Ensino fundamental completo, 0% Ensino médio incompleto, 10% Ensino médio completo, 5% Ensino Superior incompleto e 5% Ensino Superior completo e 5% não estudaram. 45% solteiras, 40% casadas, 15% separadas, 0% viúvas. 55% católicas, 35% evangélicas e 10% possuem outra ou não possuem religião. 60% trabalham em mais de uma residência, 40% trabalham em apenas uma residência. 15% trabalham com carteira assinada, 85% sem carteira assinada. Das entrevistadas, 100% possuem dupla jornada. 90% ganham até dois salários mínimos, 10% ganham de 2 a 4 salários mínimos,.. Verificou-se que 80% já tiveram outros trabalhos anteriores ao emprego doméstico, 15% realizam outros trabalhos além do trabalho doméstico atualmente, 85% não realizam outro trabalho além do emprego doméstico. Em relação ao deslocamento ao trabalho, 45% vão de ônibus até o local de trabalho, 20% de bicicleta, 10% de carro, 25% a pé. Todas utilizam a entrada da frente da residência. Das entrevistadas, 25% já sofreram algum acidente ao realizar seu trabalho. No que se refere aos instrumentos de trabalho, 60% possuem equipamentos suficientes e adequados para a realização de seu trabalho; enquanto que 40% não possui. No que concerne à antiguidade no trabalho, 65% trabalham na área há mais de 15 anos, destacando que uma mulher mora na residência e trabalha na mesma a vida inteira.

4.1 RESULTADO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)

Os resultados do presente estudo foram obtidos por meio de quadros que contém a frequência das ideias e o DSC após estabelecer as ideias centrais. E por fim, a análise e discussão do conteúdo dos discursos.

Nesta etapa foram apresentadas as Ideias Centrais (IC) geradas pelas questões da entrevista semiestruturada e que culminam, através das expressões chave (ECH) nos discursos do sujeito coletivo das 20 mulheres empregadas domésticas.

A partir da primeira questão “Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)” foram produzidas 15 expressões chave (ECH) que resultaram em cinco Ideias Centrais (IC) como exposto no Quadro 5, com destaque para a IC “Tenho estratégias e vou encaixando ao longo da semana ou como dá”

Quadro 5- Ideias centrais, sujeitos e frequência de como essas mulheres conciliam seu trabalho em cada residência caso trabalhassem em mais de uma

Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)		
Ideias Centrais (IC)	Sujeitos	Frequência (IC)
Conciliei com tranquilidade pois gosto da onde trabalho	1, 9	2
Tenho estratégias e vou encaixando ao longo da semana ou como dá.	2, 3, 6, 14, 16	5
Cada dia em uma residência	7, 8, 12	3
Tenho casas fixas mas outras vou de 15 em 15 dias	5, 15, 17	3
Faço tudo correndo senão não dá tempo	18	1
Total		14

O Quadro 6 apresenta o discurso das mulheres de acordo com a ideia central:

Quadro 6 - DSC de acordo com cada IC.

Ideia Central	DSC
1 ^a IC: Conciliei com tranquilidade pois gosto da onde trabalho	<p><i>“Então, o que eu falo, eu vou de manhã, levanto de manhãzinha, vou na academia, levanto muito cedo, umas 5:30, 6:0, e às vezes a noite, a tarde, eu marco unha, faço e eu venho pra casa. Hoje eu sou sozinha daí não tenho muita preocupação, mas antes era um fervor aqui em casa, porque era marido, era os filhos, mas eu conciliei tudo na maior tranquilidade. Tem dias que eu estou muito cansada, muito cansada mesmo. Mas aí nada como uma noite bem dormida. E outra coisa que eu falo assim, que se fosse pra eu trabalhar num lugar que eu não gostasse que não me tratasse bem, aí seria mais difícil mas eu tenho o maior prazer do mundo em trabalhar. Eles são muito bons pra mim. Então eu acho que isso é uma conciliação, porque você estando bem com as pessoas, você está bem disposta e dá pra conciliar tudo. Até que é tranquilo porque eu trabalho dois dias em uma casa, dois dias na outra e na quarta-feira trabalho em uma casa só. Tanto é que consigo sair mais cedo, ir na academia, resolver as coisas no centro. Só na terça e sexta que saio um pouco mais tarde, umas quatro horas.”</i></p>
2 ^a IC: Tenho estratégias e vou encaixando ao longo da semana ou como dá.	<p><i>“De manhã vou em uma e a tarde na outra, quando tenho bicos encaixo eles ao longo da semana. Dançando conforme a música. Tem dias que não dá vontade de fazer nada, mas tenho estratégias para ir organizando tudo e vou encaixando como dá. Ah, tem uma moça que me chama de vez em quando só, daí é só as vezes que vou na casa dela, porque já sai de lá e entrou outra moça e eu não queria tirar ela de lá, mas a Dona M. me chama quando é um trabalho mais pesado. E as outras casa eu organizo durante a semana mesmo. Eu tenho uma agenda, e tenho a memória boa, fia. Terça-feira eu vou numa casa, mas se ligar pra mim de hoje pra amanhã, eu não faço. Tem que ser com antecedência. Eu não vou tirar uma faxina pra colocar outra no lugar. Tem uma moça que eu trabalho com ela há nove anos, então eu coloco ela como prioridade.</i></p>

	<i>Então, de segunda a sábado, eu tenho essas três casas que são fixas, daí as outras eu vou encaixando quando as outras pessoas forem confirmando pra mim.”</i>
3ª IC: Cada dia em uma residência	<i>“Ah, com os dias né, porque como já é fixo, cada dia da semana é em uma casa. Como eram em dias diferentes, eu conciliava assim, cada dia em uma casa. Então, da república é só dia de sábado e na outra casa é de segunda a sexta. E aí os outros dias que eu faço de segurança é a noite. Dia de festa, essas coisa.”</i>
4ª IC: Tenho casas fixas mas outras vou de 15 em 15 dias	<i>“É uma dor de cabeça, porque as que eu faço de 15 em 15 dias são bastantes casa. Então eu tenho que pensar, essa semana eu já fui nessa aqui, agora é essa. Então é assim. Mas é desgastante, porque fazer faxina na casa dos outros é cansativo, eu faço faxina de segunda à sábado e agora nessa época de natal eu sou bem procurada, eu as vezes faço em dois lugares ao mesmo tempo, mas é bem cansativo, porque faxina é pesado. Ah, a cabeça tem que tá boa. De segunda a sexta na clínica eu já sei tudo do serviço, já chego cedo, faço café, aí dando umas 10:30 já lancho alguma coisa pra sair da clínica e vou pras casas. Aí tipo assim, dia de segunda eu tenho um serviço fixo que é a casa do meu patrão, aí as vezes na segunda eu fico esperando a pessoa de terça confirmar comigo “ó, cê vem?”, aí na terça eu sei que vou ali. Na quarta também tenho um fixo que eu sei que vou lá. As casas fixas que eu sei são de segunda, quarta e sexta, aí terça e quinta, tem gente que me chama de 15 em 15 dias, daí a cabeça tem que tá boa, porque aí terça eu tô ali, quinta tô lá. É porque em uma casa é uma vez por semana só, e na outra eu vou de 15 em 15 dias.”</i>
5ª IC: Faço tudo correndo senão não dá tempo	<i>“Olha, acaba que eu faço tudo correndo porque senão não dá tempo de limpar tudo direito e aí tenho que deixar pra próxima vez. Tem casa que vou só uma vez por mês daí tem que saber organizar tudo direito pra dar tempo.”</i>

O questionamento gerado pela primeira pergunta do método do DSC está correlacionado ao objetivo específico de investigar a percepção de autonomia na sua atividade.

Segundo relato das mulheres, a maioria possui estratégias e encaixa as diferentes casas como dá. Percebe-se que, na maioria das mulheres entrevistadas, existe o trabalho em mais de uma residência, com trabalhos esporádicos, de 15 em 15 dias e em diferentes residências. Das mulheres entrevistadas, apenas uma relatou que vive desde criança na casa da família em que trabalha.

O fato de essas mulheres trabalharem em diferentes residências e poucas possuírem casas fixas, evidencia segundo Pinheiro, Fontoura e Pedrosa (2011) mudanças nas relações de

trabalho entre empregadoras e trabalhadoras domésticas, em que, por trabalharem em diferentes casas, diminuem as possibilidades de exploração em termos de jornada, porém, essa situação impacta negativamente no que diz respeito a acesso a direitos trabalhistas, impondo uma condição de autônoma para essas mulheres, as afastando ainda mais da condição de proteção social. Não é à toa que, de todas as mulheres entrevistadas, em sua maioria, não possuía carteira assinada. É perceptível, segundo as autoras, como a prestação de serviços em mais de um domicílio acompanha uma precarização no que diz respeito aos vínculos trabalhistas e aumentam a desproteção social.

Além disso, é importante lembrar que todas as mulheres que responderam ao questionário, afirmaram realizar dupla jornada, ou seja, além de realizarem trabalhos em uma ou mais residências, ainda realizam trabalhos em suas próprias casas, como Biroli (2018), já afirma em seu trabalho, relatando sobre a existência de uma divisão sexual do trabalho que se articula com uma divisão social do mesmo, em que essas mulheres, menos abastadas, realizam o trabalho de limpeza em outras residências, mas, em seguida, realizam esse mesmo trabalho em suas próprias casas. Saffiotti (1978), complementa este ponto evidenciando que trabalhos relacionados a limpeza de casa sempre são considerados algo feminino e que, naturalmente, não existe um reconhecimento social sobre o mesmo

A partir da segunda questão do DSC “Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?” foram produzidas 14 expressões chaves (registros) que resultaram em duas ideias centrais, com destaque para “Vejo riscos com produtos químicos, limpezas no geral, lesões na pele, esforço físico, movimentos repetitivos, cair de lugares altos”, conforme exposto no Quadro 7.

Quadro 7 - Ideias centrais, sujeitos e frequência: Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?		
Ideias Centrais (IC)	Sujeitos	Frequência (IC)
Não percebo riscos, mas já tive problemas com produtos e/ou alergias e dores.	1, 10, 14, 15	4
Vejo riscos com produtos químicos, limpezas no geral, lesões na pele, esforço físico, movimentos repetitivos, cair de lugares altos.	2, 5, 6, 7, 8, 13, 16, 18, 19, 20	10
Total		14

O Quadro 8 apresenta o discurso das mulheres de acordo com a ideia central da segunda questão do DSC:

Quadro 8 - DSC de acordo com cada IC.

Ideia Central	DSC
<p>1ª IC: Não percebo riscos, mas já tive problemas com produtos e/ou alergias e dores.</p>	<p><i>“Eu tinha muito problema com água sanitária, aí eu agora já melhorei, fiz tratamento porque sou muito alérgica. Mas quando tô atacada com minha rinite, alergia, bronquite, elas não deixam eu fazer nada. Então eu penso muito nelas porque elas me ajudam muito. Pra mim não tem risco nenhum. Então, acho que não tem nenhum risco não. Mas acho que é bom tomar cuidado com carregar muito peso e também com os produtos de limpeza tipo Quiboa que é forte. Não. Não percebo não, mas eu tomo muito cuidado com o meu trabalho que eu faço. Olha isso aqui, é alergia a detergente. Mas eu tomo cuidado com meu serviço, faço com calma. Ah, por enquanto não. Tudo tranquilo, não vou fazer mais do que eu posso. As vezes dinheiro nenhum compra a saúde da gente né. Mas teve uma época que tive uma dor nas costas, daí comecei a manear no serviço.”</i></p>
<p>2ª IC: Vejo riscos com produtos químicos, limpezas no geral, lesões na pele, esforço físico, movimentos repetitivos, cair de lugares altos</p>	<p><i>“Ah, acho que os produtos químicos né. Quando trabalhava em empresa as vezes não davam máscara e nas casa tem mistura pra limpar banheiro que são ruins. Muito. Então, cê lida muito assim com Quiboa, e Quiboa prejudica sua saúde, tem cheiro muito forte de produto de limpeza que você vai limpar um armário muito gorduroso então cê pode... Se você fizer mistureba, tem gente que gosta mas eu não gosto de fazer essas coisas não. Porque a água sanitária acaba com a vida da gente. Esses negócio aí de piso... De remoção de piso, pra remover cera, aquela enceradeira, então tudo isso prejudica a saúde. Ah, o serviço meu mexo muito com banheiro, porque a gente corre risco de pegar uma bactéria, uma coisa assim, né. Sim, por conta do esforço física, os movimentos repetitivos, produtos químicos quando mexe com banheiro, a Quiboa que faz muito mal, carga também que é pesada. Aii, então, tem alguns produtos de limpeza que são arriscado né? Daí eu sempre tento cuidar pra não acontecer nada. Tem vez também que precisa carregar várias coisas que são pesadas e aí fica perigoso machucar as costas, eu já dei mal jeito na coluna uma vez de ficar carregando as coisa pra lá e pra cá. Percebo, né, tem isso de inalar produto de limpeza e também pode dar lesão na pele, por alergia dos produtos que são fortes. Percebo sim. Principalmente com produto de banheiro, que tem uns cheiro forte, essas coisas. Percebo, eu já sofri um pouco de cair quando vai em algum lugar alto, os produtos também né de banheiro e limpeza que eles tem um cheiro forte, menina, daí é perigoso também. Aii, então, tem alguns produtos de limpeza que são arriscado né? Daí eu sempre tento cuidar pra não acontecer nada. Tem vez também que precisa carregar várias coisas que são pesadas e aí fica perigoso machucar as costas, eu já dei mal jeito na coluna uma vez de ficar carregando as coisa pra lá e pra cá.”</i></p>

O questionamento produzido pela segunda pergunta do método do DSC está associado ao objetivo específico de investigar a percepção de riscos à saúde no trabalho.

Observa-se que as mulheres entrevistadas associaram a questão da saúde com a ideia de saúde física, que reforça a teoria de Laurell (1982) quando a mesma explicita a dificuldade de desvencilhar a ideia biológica da relação saúde-doença. Nenhuma das mulheres relatou sofrer

de sintomas como ansiedade, solidão ou depressão, mas houveram relatos sobre ser um trabalho cansativo. Também existiram relatos em que as mulheres não pareceram reconhecer riscos à saúde com relação ao seu trabalho, ao mesmo tempo em que demonstraram perceber riscos com relação a produtos de limpeza, entre outros.

Os produtos de limpeza foram os mais citados como percepção de risco à saúde no trabalho, devido a misturas de produtos químicos que possuem odores fortes e nocivos à saúde. É importante lembrar também que, durante as respostas ao questionário, a maioria das mulheres relatou não possuir equipamentos suficientes para a realização de seu trabalho, o que podem acarretar lesões, como explicitado por algumas mulheres, que relataram alergias a esses produtos nocivos.

A partir da terceira questão “Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(s)?” foram produzidas 21 expressões chaves (registros) que resultaram em 6 ideias centrais, com destaque para “Nossa relação é como se eu fosse da família/amiga”.

Quadro 9 - Ideias centrais, sujeitos e frequência: Sobre a relação com os patrões/patroas

Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(s)?	
Ideias Centrais (IC)	Sujeitos
Nossa relação é como se eu fosse da família/amiga	1, 2, 3, 10, 12, 13, 19
Com as casas atuais a relação é muito boa, mas já trabalhei em casas que a experiência foi ruim.	4, 5, 8
Aprendi muito com eles	6
Tenho uma relação boa, mas sem muito contato	7, 11
Nossa relação é ótima/ boa	9, 14, 17, 18, 20
Nossa relação é bem tranquila, eles confiam no meu trabalho	13, 15, 16
Total	21

O Quadro 10 apresenta o discurso das mulheres de acordo com a ideia central da terceira questão do DSC:

Quadro 10 - DSC de acordo com cada IC

Ideia Central	DSC
1ª IC: Nossa relação é como se eu fosse da família/amiga	<p><i>“Maravilhosa. Só tenho que agradecer a Deus todos os dias e pedir pra que Deus dê saúde pra eles poder pagar o que a gente precisa, né? Eu não considero elas minhas patroas, considero minhas amigas, minhas irmãs.</i></p> <p><i>Bom. Teve um rapaz de uma república que chegou até a dormir aqui em casa várias vezes, meu marido tinha até ciúmes (risos) mas eu falava que ele era como um filho pra mim, porque vira como se fosse um filho que a gente cuida, a gente dá bronca, briga, já briguei muito com os meninos pra não entrarem nas coisas erradas. Já teve uma mulher que a gente não se dava bem, mas a gente se resolveu e hoje é até amigas.</i></p> <p><i>São como filhos, eu sinto que cuido um pouco de todos, nós saímos juntos, já fomos pra festas juntos, mas eu também dou sermão, falo bobeira no horário de almoço. Ela é ótima, eles me tratam com respeito, eu já fui até madrinha de um dos filhos dela, sabe? Acho que a gente tem uma relação como se fosse de família mesmo, eu considero os filhos dela como meus filhos também. Daí acho que é uma relação boa.</i></p> <p><i>Ahh, olha aqui, é como se fosse uma amiga, minha patroa principalmente. Os meninos, um fio né. Igual esses dias eu tava falando pra ela que graças à Deus todo serviço que já trabalhei nenhum dos meus patrões tem rancor comigo. Daí já encontrei com um ex-patrão lá na Santa Rosa e perguntei “E aí o que cê tá fazendo aqui?” Daí ele “Uai, tô perdido aqui”. Daí a gente mantém amizade né, não mantém rancor, a gente mantém amizade né. Igual umas meninas que eu já trabalhei ano passado, eu ia embora né, daí eu não fui, e elas encontraram comigo e querem que eu vá lá na casa delas cuidar do cachorro pra elas porque elas vão viajar.</i></p> <p><i>É muito boa, eu vi todos eles crescendo né, vi os meninos indo embora, indo estudar, vi eles tendo filho, e a mãe é muito boa, ela sabe todos os meus problemas de saúde, até melhor que eu, ela vai poder te falar melhor do que eu até o que os médicos falam... Mas a relação é muito boa, eu vi todos aqui terem uma vida, crescendo, e eu sempre falei pra eles estudarem, ser alguém na vida. Eu vim do Rio de Janeiro junto com eles porque minha mãe trabalhava pra mãe dela e aí sempre falou que era uma boa família, são boas pessoas e aí eu vim junto com eles do Rio de Janeiro pra Itajubá e fiquei aqui... E eu gosto de morar aqui, a gente se dá bem, eu vejo que sou como se fosse minha família mesmo.”</i></p>
2ª IC: Com as casas atuais a relação é muito boa, mas já trabalhei em casas em que a experiência foi ruim	<p><i>“Muito boa, já trabalhei em casa que era horrível. Era coisa de separar prato, copo, de ter restrição pra comer, de fazer alguma coisa. Mas como eu sempre trabalhei eu nunca vi diferença, aí quando a gente vem pra uma casa que as pessoas são boas, a gente percebe. Mas aqui não, aqui é muito bom. Nas outras casas eu tinha que comer depois de todo mundo, tudo era pedido.</i></p> <p><i>Então, eu assim, as que são mais fixas eu tenho uma relação boa com todas elas, porque eu foco no serviço. Eu chego lá, não fico fazendo outra coisa, eu foco no serviço porque primeiro nós tamo na casa dos outros, né, segundo é uma necessidade minha, então eu tenho que ir, fazer e ir embora, o mais rápido que eu fazer e ir embora melhor pra mim. Então minha relação com eles é boa, tem umas que é meio carinhosa de pescoço.. Tem casa que pedia pra eu lavar os cachorros, pessoal confunde é, limpeza com liberdade de fazer outras coisas. Tem gente que gosta que lava roupa, isso não faz parte da faxina. Faxina é você arranca tudo do lugar, cê tem que limpar é pra fora, sua obrigação é o de fora, mas dentro não. Tem uns que eu já estou há um tempo então eu dou uma forcinha a mais, mas não tem recompensa nenhuma.</i></p> <p><i>Boa, teve uma moça que não era muito legal, mas depois nós conversamos e hoje somos até amigas.”</i></p>
3ª IC: Tenho uma	

relação boa,mas sem muita conversa.	<p><i>“Era uma relação assim, boa, apesar de cada um saber o seu lugar, eu dei sorte de trabalhar com pessoas boas, humanas. A gente não tem muita conversa não, sabe? É só o básico mesmo, de eu pedir os produtos que precisa e que tão em falta pra fazer a faxina, de salário, essas coisas... Fora isso não tem muita conversa não. Então acho que é boa.”</i></p>
4ª IC: Nossa relação é ótima/boa.	<p><i>“Ela é ótima, eles são gente boa demais. Maravilhosa. Ela é boa. As casas fixas que eu tô já conheço todo mundo há muitos anos e a gente tenta né, ter uma relação boa, conversar, os filhos me tratam bem, sempre que dá eu consigo pedir os produto as coisas que faltam né, pra ajudar na limpeza.. Então acho que é boa, sim. Ah, é boa. Eu tô sempre com eles, então é boa. Acho que minha relação é boa, em todas as casa. Eu tento me dar bem com todos os patrões que tenho pra sempre ter uma boa relação”</i></p>
5ª IC: Aprendi muito com eles.	<p><i>“Muito boa. Eu sempre tive sorte com todos os patrão meu. Eu aprendi muita coisa trabalhando numas casas, a gente aprende muita coisa. Como lidar com as pessoas, como chegar. Eu gosto (risos).”</i></p>
6ª IC: Nossa relação é bem tranquila, eles confiam no meu trabalho.	<p><i>“Nossa relação é bem tranquila até. Como eu trabalho com eles desde que era bem nova eles tão sempre fazendo parte da minha vida. A gente conversa sempre, como se fosse amiga mesmo sabe? A gente respeita o espaço do outro mas também eu gosto que tem essa proximidade. Eu acho que eles confiam em mim e no meu trabalho também. Outro dia ela comentou comigo que gosta do meu serviço, das coisas que eu faço. Ah, todos tranquilos. Tem o que, cinco, seis famílias, estudantes da UNIFEi, são tranquilas. Mas meu patrão arrumou uma mulher agora que nós não tamo se encaixando muito não, mas uma tem que compreender a outra, né. Tô ali pra ajudar eles, então aí a gente vai se encaixando .Ela é boa. As casas fixas que eu tô já conheço todo mundo há muitos anos e a gente tenta né, ter uma relação boa, conversar, os filhos me tratam bem, sempre que dá eu consigo pedir os produto as coisas que faltam né, pra ajudar na limpeza.. Então acho que é boa, sim. Nossa relação é bem tranquila até. Como eu trabalho com eles desde que era bem nova eles tão sempre fazendo parte da minha vida. Ela me ajuda quando eu preciso de alguma coisa de limpeza pra casa, eu acho que a gente até consegue conversar bastante, já teve seus momentos que a gente se estranhou mas a gente resolveu depois. Gosto de ter uma proximidade com as pessoas lá da casa também.”</i></p>

Ao se referir sobre a relação com os patrões, as mulheres destacam que se sentem como se fossem amigas, até mesmo da família. Comentam sobre terem uma boa relação, algumas inclusive relatam serem madrinhas de crianças e outras sobre cuidados com moradores de república.

Essa sensação de pertencimento da família evidencia o que Carvalho (2019) pontua sobre existir uma relação de ambiguidade nesse afeto. Por um lado, existe uma mulher que ganha pequenos benefícios e favores da família, mas que, por outro lado, existe uma trabalhadora que está exposta a subserviência.

Dessa forma, o afeto representa uma cumplicidade e antagonismo, com pessoas que possuem classes desiguais com diferentes interesses. O afeto não é considerado um

sentimento negativo, porém torna-se algo que afasta a possibilidade de cobrança de direitos trabalhistas (TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2014).

A relação ambígua demonstra o que Freyre (2013) já pontuava sobre as relações de afeto das mulheres negras escravas com suas senhoras e senhores. Como as mulheres negras realizavam trabalhos domésticos, lidavam diretamente com os filhos dos senhores, criava-se uma relação de afeição, mas que não garantia que essa mulher não seria usada ou abusada por seus senhores.

A partir da quarta questão “Você já sofreu algum tipo de discriminação?” foram produzidas 9 expressões-chaves (registros) que resultaram em 4 ideias centrais, com destaque para “Já sofri discriminação por me acharem burra ou com olhares tortos, me diminuindo”

Quadro 11 - Ideias centrais, sujeitos e frequência: Sobre ter sofrido algum tipo de discriminação

Você já sofreu algum tipo de discriminação?		
Ideias Centrais (IC)	Sujeitos	Frequência (IC)
Por me acharem burra ou com olhares tortos, me diminuindo.	2, 3, 5, 13	4
Desconfianças ou de segregação	4, 9, 10	3
Pela minha cor	10, 19	2
Por ser gorda	18	1
Total		10

O Quadro 12 apresenta o discurso das mulheres de acordo com a ideia central da quarta questão do DSC.

Quadro 12 - DSC de acordo com cada IC

Ideia Central	DSC
1ª IC: Por me acharem burra ou com olhares tortos, me diminuindo	<p><i>Já. Algumas vezes em casas que não queria eu lá porque não tinha estudo, falavam que eu era burra, mas eu também não fico calada, nos lugares que me tratam mal eu não deixo quieto, falo mesmo porque não aceito que me diminua.</i></p> <p><i>Sim. Um dia na hora do almoço na república, um dos meninos estava falando sobre carros chiques e coisas que ele disse que eu não entenderia porque disse que sou burra. Já teve uma outra vez também que fui em uma festa que os meninos da república que organizaram e lá, uma menina amiga deles falou “nossa mas essa não é a empregada da rep? Essa D.A já foi mais bem frequentado”. Também na época de vender os convites da festa, eles disseram pra eu vender alguns mas depois não queriam mais porque disseram que eu só conheço “nóia”.</i></p> <p><i>Ó, quando eu trabalhava na UNIFEI eu entrei uma vez numa loja e eu ia muito na cidade de bota e minha amiga que tinha que tirar minha bota porque meu pé acho que inchava na bota e ela que tinha que tirar minha bota e aí dessa vez ela não tinha ido e eu não tirei a bota e eu coloquei porque era segurança do trabalho e eu entrei na loja e a moça me olhou meio assim “acho que ela não tem dinheiro pra pagar” meio assim, acho que ela me discriminou nessa parte. Mas em questão do serviço, as vezes olham meio tortinho, né. Mas nas casas não.</i></p> <p><i>Eu já vi uns olhares torto por aí, né? Tem vez que quando eu falo que sou empregada doméstica as pessoas me olham um pouco feio ou fica meio achando que sou menos, mas eu nem ligo mais não, porque eu tenho orgulho do que eu faço.</i></p>

2ª IC: Desconfianças ou segregação	<p><i>“Ah, já. Não me lembro... Só o fato de você separar o copo já é uma discriminação, só de você ter que comer... Não que eu queira sentar com eles, mas de você ter que esperar, da pessoa colocar comida no seu prato, isso querendo ou não já é uma discriminação.</i></p> <p><i>Sim. Já sofri muita discriminação com um moço que eu trabalhava, que ele era doutor, e ele toda vez que eu tirava o lixo depois ia lá ver e abrir o lixo pra ver se eu tinha colocado alguma coisa dentro, sabe? Com desconfiança achando que eu ia pegar alguma coisa pra roubar, algo assim. Daí eu falava pra ele se ele queria olhar minha bolsa também, daí ele dizia que “não, não”, mas era isso, foi a pior coisa que passei. Hoje não trabalho mais com ele, as outras casas são ótimas, a moça que eu trabalho hoje me deixa comer a vontade, o outro me dá até a chave de casa.”</i></p>
3ª IC: Pela minha cor	<p><i>Sim. Já sofri muita discriminação principalmente na hora de comer, de não poder sentar na mesma mesa que os patrões ou poder usar pratos e louças iguais os que eles tavam usando. Já fui menosprezada também por causa da minha cor, né? De olharem feio ou acharem que sou burra. Mas bola pra frente, né? Faz parte da vida.</i></p> <p><i>Ah, já, quando eu fazia parte dos missionários eu sempre quis estudar, eu nunca gostei de ficar parada, sempre gostei muito de estudar, mas eu não consegui por causa da minha cor, não deixavam eu ir na escola, tinha só eu e um amigo meu que era “pretinho” também que não deixaram estudar, daí eu sempre fiquei na vontade, porque eu sempre quis ser alguém na vida, pra fazer a diferença no mundo, mas não consegui por causa da minha cor... Daí agora eu não consigo mais.</i></p>
4ª IC: Por ser gorda	<p><i>Já sim, por ser gorda.</i></p>

É importante ressaltar que na presente pesquisa a maioria das mulheres entrevistadas são mulheres brancas, o que explica o porquê de questões raciais não serem tão presentes nas respostas desse questionamento.

Porém, quando a maioria das respostas está na fala sobre se sentir diminuída por acharem-as burras ou sentirem-se diminuídas, evidencia como ainda está presente na sociedade brasileira essa herança escravocrata, que diminuí essas mulheres que ocupam uma posição “inferior”. Isso reforça o que Souza (2009) destaca sobre a “ralé”, pessoas que não são consideradas gente por ocuparem uma posição social inferior e ocupando postos de trabalho que são desvalorizados e explorados.

A partir da quinta e última questão “Me fale um pouco sobre o que o trabalho doméstico representa para você” foram produzidas 20 expressões chaves (registros) que resultaram em 4 ideias centrais, com destaque para “Gosto do que eu faço porque é minha fonte de sustento, de independência”

Quadro 13 - Ideias centrais, sujeitos e frequência: Sobre o que o trabalho doméstico representa para cada mulher

Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico pra você		
Ideias Centrais (IC)	Sujeitos	Frequência (IC)
Gosto muito do que faço, tenho orgulho do meu trabalho, gosto de limpeza e ver as coisas limpas	1, 2, 4, 5,6, 9, 15	7
É um trabalho muito difícil, não reconhecido, só vou porque preciso.	3, 8, 18	3
Gosto do que eu faço porque é minha fonte de sustento, de independência	5, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20	10
Minha mãe já trabalhava como empregada doméstica, então foi o que consegui fazer	19	1
Total		20

O Quadro 14 apresenta o discurso das mulheres de acordo com a ideia centra da quinta e última questão do DSC.

Quadro 14 - DSC de acordo com cada IC

Ideia Central	DSC
1ª IC: Gosto muito do que faço, tenho orgulho do meu trabalho, gosto de limpeza e ver as coisas limpas	<p><i>“como que eu vou falar... Eu gosto muito de limpeza, acho que tudo isso também influi, porque não adianta você falar que você é uma diarista e não gostar daquilo que faz. Falar ah, eu não gosto disso, não gosto de ser diarista, eu não! Eu gosto de ser diarista, eu gosto de tudo muito limpo. Tem uma casa que uma amiga ajuda eu porque a casa é muito grande, aí chegou a tarde a gente tava cansada aí a gente falou assim “eu tô tão cansada, mas sabe o que é mais gostoso? de saber que a patroa tá viajando e que quando ela chegar a casa vai tá gostosa”.</i></p> <p><i>Eu gosto, porque é muito gratificante você olhar uma casa toda limpinha, arrumada e organizada e ver que foi você que fez esse trabalho. Eu gosto de deixar as coisa tudo arrumadinho e limpinho e saber que as pessoas vão estar felizes ali com a casa limpa é muito bom.</i></p> <p><i>Olha, eu gosto. Eu gosto muito do que eu faço, mas tem gente que não gosta. Eu não suporto me ver trabalhando em loja, não gosto de gente. Eu gosto disso aqui, gosto de fazer, limpar, gosto de pegar um negócio bem sujo e deixar bem limpo, é isso. Eu não tenho muito o que dizer...</i></p> <p><i>Então, é assim, a gente tem que fazer o que a gente gosta né, eu gosto do que eu faço, eu gosto de ser faxineira, gosto de trabalhar nas casas. As pessoas lidam comigo como se eu fosse uma pessoa normal, não como uma faxineira, me trata muito bem. Eu gosto do que eu faço, gosto de ser faxineira, eu nunca tive preconceito, nunca tive esse problema de falar que eu sou faxineira, porque eu sempre trabalhei muito bem, eu sempre fui muito procurada. Mas eu gosto do que eu faço, sabe, então eu tô feliz na minha área.</i></p> <p><i>Assim, eu acho que cada um nasce com o dom de fazer o que gosta, sabe? Então eu trabalho igual eu faço na minha casa, com muito prazer, com muita felicidade e carinho. Eu faço meu trabalho na casa dos outros do mesmo jeito que eu faço na minha casa e eu gosto do que eu faço. Não tenho vergonha de falar, nunca tive. E eu gosto do que eu faço.</i></p> <p><i>AH, eu gosto muito do meu trabalho. Igual minhas filha fala assim “mãe, você tem estudo, porque você não vai trabalhar em fábrica, em loja?” e eu falo assim, ah eu tentei, não gostei, não me identifiquei, tem que lidar com muita gente, assim, tem gente de todo tipo, falei, eu não gostei. As meninas da clínica ri de mim, eu cuido dos meus paninho, cuido das minhas coisas, tenho meu rodo e eu sou muito agitada.</i></p>

	<p><i>Então tem que ser só eu, meus patrão fala que eu faço sorrindo, gosto do que eu faço, gosto muito.”</i></p>
<p>2ª IC: É um trabalho muito difícil, não reconhecido, só vou porque preciso.</p>	<p><i>É muito difícil, uma vez trabalhando em uma outra república, as meninas não entendiam quando eu precisava sair por estar passando mal, porque foi durante a gravidez. Também me desentendi com uma menina por causa de limpeza. Eu gosto de dizer que estou faxineira, porque não pretendo ficar neste emprego para sempre, mas agora preciso disso para cuidar dos filhos, da casa, mas quero voltar a estudar para sair desse trabalho.</i></p> <p><i>Muito difícil. Eu fiz porque estava em um momento de muita necessidade, com duas filhas e uma delas que acabou de ter um filho, mas eu não recomendo para ninguém, é um trabalho que é pesado e não é reconhecido, sabe? Eu tenho certeza que hoje as dores que eu comeci a sentir na coluna e outros problemas foram por causa desse esforço. Então pra mim não compensa não.</i></p> <p><i>Ah, eu só vou porque eu preciso mesmo, viu. Porque além do trabalho eu também cuido da minha casa sozinha, daí eu que preciso pagar minhas contas e minhas coisas, mas é muito triste.</i></p>
<p>3ª IC: Gosto do que eu faço porque é minha fonte de sustento, de independência</p>	<p><i>Ó, eu, quando eu entrei no trabalho do exército eu li uma frase “tudo que merece ser feito merece ser bem feito”, né. Então, eu gosto da minha profissão. Eu tiro dali meu sustento, tiro ali minha, né. Eu sinto vontade de ir todos os dias, sair daqui e ir trabalhar. Eu gosto do que eu faço. É um serviço que eu chego as vezes numa casa e fico meu Deus será que vou dar conta e depois eu saio de lá não acredito que fui eu que fiz. Uma vez uma mulher falou pra mim que quando eu saio da casa dela a casa tem outro ar, tem outro espírito porque a casa tá limpa, tá cheirosa. E eu gosto do que eu faço, por em sempre fazer com minha mãe desde pequena então eu aprendi a fazer e eu gosto do que eu faço. Se fosse hoje pra mim falar pra você assim, você prefere trabalhar em outro lugar? Em outra profissão? Eu diria pra você que não, porque eu gosto de fazer faxina, sair daqui cedo, é gratificante pra mim entrar numa casa suja e sair com ela limpinha.</i></p> <p><i>Então, é, quando eu fui trabalhar como diarista pra mim foi um desafio porque eu tinha acabado de sair do meu relacionamento, fazia anos que eu não tava no mercado de trabalho, mas era um trabalho que eu dominava bem porque eu gosto de cuidar da casa, na organização eu sou boa no que eu faço, eu gosto de organizar, eu organizo tudo certinho, não gosto de muita bagunça espalhada. Eu pego um ambiente e assim, pra mim foi libertador, porque foi através desse trabalho que eu consegui me desprender de outras coisas, do meu relacionamento que me prendia. Então, foi um divisor de águas na minha vida, porque foi através desse trabalho que eu tive forças e uma luz. Porque as vezes a gente fica meio ai mas você vai trabalhar de domésticas, não sei o que, não, eu vou, é um trabalho como qualquer outro. É um trabalho digno e eu gosto.</i></p> <p><i>O trabalho doméstico pra mim é minha fonte de sustento, é onde eu sinto que sou útil e também sinto que tô realizada. Eu gosto de deixar tudo sempre organizado e limpinho, sempre fui muito organizada com minhas coisas, daí saber que com meu trabalho eu deixo a casa de alguém mais bonita é gratificante. E eu ainda gosto muito do que eu faço, tenho bastante orgulho assim de dizer que sou empregada doméstica, não tenho vergonha não. Eu faço meu trabalho bem feito e gosto muito dele porque sem ele eu não teria meu sustento.</i></p> <p><i>Tem pouco tempo que tô trabalhando com isso né, mas acredito que é um trabalho bastante cansativo, tem dias que eu chego em casa e só quero dormir, mas ainda tenho que limpar minha casa e fazer marmitta para os meus filhos... Mas o que me motiva a continuar é porque é o jeito que eu tenho de pagar minhas contas.</i></p> <p><i>Ahh, o serviço pra mim? É bom né, que é o dinheirinho da gente e ao mesmo tempo uma diversão né, que a gente sai um pouquinho de casa. Ai as conta bate né, na porta e a gente também saindo pra trabalhar consegue comprar uma roupa, um sapato, comer, né. Que tá só eu e minha menina que os outros foram embora, um tá pra São Paulo e o outro mora com a vó. Então pra mim é uma diversão, uma distração da cabeça. Porque mesmo se eu for aposentar um dia eu vou continuar trabalhando porque não gosto de ficar parada. Mesmo domingo eu arrango serviço de fazer unha, minha filha até acha ruim comigo fala “Mãeee, cê ta trabalhando demais”. Mas eu</i></p>

	<p><i>não quero aposentar não, tem gente que quer aposentar mas aposentar é ficar sem fazer nadaaaa e eu não quero não, quero viver e trabalhar: Ahhhh, é meu ganha-pão, né? Tudo que eu preciso pra pagar as contas e pra poder sobreviver, cuidar da minha casa e da minha família também. Eu gosto do que eu faço, porque a gente tem que gostar mesmo, tem que ter orgulho porque a gente não tá fazendo nada de errado. A gente trabalha muito, muito mesmo pra poder dar o melhor pra nossa família e pra nossa casa, né? E aí eu tenho muito orgulho do meu trabalho e do que eu faço, porque daí consigo ter uma vida melhor e dar um sustento pra minha família e pagar as conta.</i></p> <p><i>Olha aqui, quando eu comecei a trabalhar, eu fiquei pensando em até lapidar o meu caminho, eu quero trabalhar pra poder ter o meu dinheiro. Não quero depender de ninguém, eu quero viajar? Vou viajar, quero comer uma coisa, eu como também. Porque eu dependia muito do meu antigo marido e ele que pagava as coisas todas e agora eu que faço tudo. Minha neta as vezes pede “Vovó, preciso de uma ajuda” e eu vou lá e ajudo. E meu marido agora não precisa me ajudar porque eu tenho o meu dinheiro. Ajudo meus netos, graças à Deus.</i></p> <p><i>Ai, eu gosto muito do que eu faço, sabe...Eu trabalho muito e eu tenho muito carinho com os meus patrões e com as coisas que vou fazer, gosto de ver a casa limpa e saber que eu que fiz aquele serviço, mas é cansativo... Eu cuido da minha casa sozinha, tenho meus filhos mas é o que sustenta minha casa, que paga as minhas contas... Eu gosto muito também, não consigo ficar parada, sempre trabalhei, então não tenho nada que reclamar não.</i></p> <p><i>Ah, pra mim significa bastante coisa assim, é uma coisa que me ajuda, né. E é bom trabalhar, né. Não tenho muito o que reclamar não, pra mim é bom. Eu falo que não gosto de ficar parada né. Claro que a gente sempre quer melhorar né, mas pra mim é bom, eu gosto muito do que eu faço. Gosto dessa parte de faxina, mas cozinha eu não gosto muito não, não é meu forte. E é isso, gosto do que eu faço.</i></p> <p><i>O trabalho é tudo pra mim, porque é o que eu consigo fazer pra sustentar minha vida e também tenho orgulho de fazer o que eu faço, porque é sempre bom trabalhar né. Eu faço curso também, porque a gente também sempre quer tá melhorando e fazendo o que pode, mas é por causa do trabalho que eu consigo pagar os cursos que eu faço de técnico e conseguir uma vida melhor pra mim e pra minha família.</i></p>
<p>4ª IC: Minha mãe já trabalhava como empregada doméstica, então foi o que consegui fazer</p>	<p><i>“Ele foi o que eu consegui fazer, né. Eu sempre quis estudar e ser alguém na vida, fazer alguma diferença, alguma coisa grande no mundo, mas eu nunca consegui estudar, por causa da minha cor e então minha mãe trabalhava como empregada doméstica e aí eu fui trabalhar também, porque também nunca gostei de ficar parada... Hoje eu tenho alguns problemas de saúde daí eu fico um pouco parada mas sempre que dá eu ainda ajudo aqui na casa porque não gosto de não fazer nada, daí eu cozinho, essas coisas.”</i></p>

A maioria das mulheres, neste questionamento, relatou sobre como o trabalho era importante por ser a fonte de sustento, como uma forma de empoderamento também. É importante perceber, portanto, que apesar de ser um trabalho socialmente não valorizado e que, por vezes, muitas dessas mulheres não possuem os amparos sociais necessários, ele ainda é uma fonte de realização para muitas, pois possibilita o poder aquisitivo e então a possibilidade de comprar roupas, viajar e, principalmente, pagar as contas. Evidenciam, assim, o que falam Oliveira, Bnadassolli e Torres (2018), sobre a necessidade do trabalho a fim de melhorar as condições financeiras e materiais da família.

5 CONCLUSÃO

Este estudo buscou analisar a relação entre o trabalho e a saúde de mulheres empregadas domésticas. A pergunta norteadora desta pesquisa foi: “De que modo o trabalho das mulheres empregadas domésticas influencia em sua saúde?”. Para respondê-la foi necessário identificar as diferentes formas de lidar com o trabalho dessas mulheres, de que forma são as relações com seus patrões e a maneira como as mesmas, como um grupo, enxerga seu próprio trabalho e como o mesmo afeta sua saúde.

O trabalho doméstico advém da cultura escravocrata brasileira, que perpetua até os dias atuais. Mesmo com alguns direitos garantidos e que algumas formalidades tenham sido alcançadas, é evidente como esse trabalho ainda carrega em si uma herança de um período sombrio na história brasileira. Com a maioria das mulheres sem acesso a direitos, como a carteira assinada, e trabalhando em diferentes casas, além de realizarem diferentes trabalhos e ainda cuidarem da própria casa, é fato que muitas mudanças ainda são necessárias para o reconhecimento desta categoria trabalhista.

Ao mesmo tempo, entretanto, foi possível desvelar como essas mulheres percebem o próprio trabalho como uma forma de empoderamento e independência financeira, em que essas mulheres sentem prazer em trabalhar com. Com relação à saúde, foi percebido como o olhar para o seu entendimento ainda está voltado para a saúde física e voltada para a visão biológica.

Das duas hipóteses sugeridas pelo estudo, houve dificuldade em se confirmar a primeira hipótese de sofrimento mental acentuado por conta de condições de trabalho precárias, jornadas exaustivas, suas relações de desigualdades raciais e de gênero e autoritarismo; incluindo depressão, ansiedade, exaustão, sentimentos de solidão, entre outros, uma vez que as respostas obtidas nas entrevistas visaram a saúde física em detrimento da saúde mental, apesar de aparecerem relatos sobre cansaço e fadiga pela carga de trabalho elevada.

Entretanto, pode-se sustentar a hipótese de que a percepção da relação saúde e trabalho entre as trabalhadoras domésticas é ainda frágil, não permitindo, por parte delas, identificar o protagonismo do trabalho cotidiano e suas relações sociais e históricas inseridas como determinantes da saúde, tendo em vista os relatos que reforçam a relação do trabalho

doméstico com a herança escravocrata no Brasil e a dificuldade das mesmas, por meio de seus relatos, de perceber as discriminações e desigualdade sofridas através da realização desse trabalho.

Por meio dos resultados desse estudo, conclui-se que as mulheres empregadas domésticas enfrentam questões de saúde que passam por manifestações físicas como alergias, dores na coluna entre outros, até questões como exaustão e cansaço devido às altas cargas de trabalho. Essas mulheres, por vezes, não reconhecem esses perigos a saúde e não reconhecem o trabalho como sendo um lugar de desvalorização e exploração.

Porém, como ressalta Saffiotti (1978) é perceptível como a divisão social do trabalho segundo os sexos ainda se faz presente e discrimina mulheres na sociedade capitalista, mas existe a necessidade de combatê-la. Essa luta, segundo a autora, é uma luta ampla e complexa, uma vez que se faz necessário reestruturar toda a sociedade em novas bases. Portanto, “enquanto os seres humanos fazem a história, é permitido ao menos pensar em uma sociedade sem empregadas domésticas e onde o reduzido trabalho doméstico fosse equitativamente distribuído pelos elementos de ambas as categorias de sexo” (Saffiotti, 1978, p. 197).

Assim, se faz importante ressaltar a necessidade do desenvolvimento de estudos sobre este objeto, que superem as limitações apresentadas e da organização dessa categoria de mulheres, da criação de sindicatos na cidade a fim de auxiliar nessas mudanças.

As limitações desse trabalho se encontraram na dificuldade em agendar horários com as mulheres, em que algumas não se dispuseram a conceder entrevistas ou falar sobre o assunto com a pesquisadora. Importante pontuar também que, em sua maioria, mulheres negras se recusavam a participar ou falar sobre o tema por ser algo sensível para as mesmas. Também é importante ressaltar que a presença da pesquisadora pode ter sido intimidadora para as mulheres no que diz respeito a responder algumas questões por receio. Portanto essa pesquisa foi realizada com as mulheres que se disponibilizaram para responder as perguntas da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIARI, L. “Foi difícil, mas sempre falo que nós somos guerreiras”–O movimento das trabalhadoras domésticas entre a marginalidade e o empoderamento. **Mosaico**, v. 7, n. 11, p. 124-124, 2016.

ANTUNES, R. (2013). Apresentação. In: Antunes, R. (Org.). **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular.

ALBUQUERQUE C.M, Oliveira C.P. **Saúde e doença: significações e perspectivas em mudança**. Millenium On.Line. Jan 2002. www.ipv.pt/millenium/Millenium25/25_27.htm
Acesso: 08 jun. 2024

ÁVILA, M. B.; FERREIRA, V. TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO: CONTRADIÇÕES ESTRUTURANTES E EMERGENTES NAS RELAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 32, n. 2020, p. 1-13, 04 set. 2020.

ARAUJO, V. S.; OLIVEIRA, R. B. “CUIDA DE QUEM TE CUIDA” A LUTA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL. **Revista Trabalho Necessário**, [S.L.], v. 19, n. 38, p. 126-151, 27 fev. 2021. Pro Reitoria de Pesquisa, Pos Graduacao e Inovacao - UFF.

BARRADAS, L. F. D. et al. **Marx e a divisão do trabalho no capitalismo**. 2012.

BARATA, R. B. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2009.

BIFANO, A. C. S. Ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível. **Cadernos de direito**, v. 17, n. 32, p. 409-438, 2017.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: Limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018, p. 21-52.

BORTOLETTI, F. et al. TRABALHO DOMÉSTICO ESCRAVO: da origem aos dias atuais. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania**. 2021. p. 941-959.

BATISTELLA C. **O território e o processo saúde doença**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2007.

BOLANDER, V. B. (1998). **Enfermagem fundamental: abordagem psicofisiológica** (p.32-52). Lisboa: Lusodidacta.

CAPOMACCIO, S. Escravidão não acabou, apenas se modernizou. *Jornal da Usp*. São Paulo, maio 2017. p. 1-1. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/atualidades9-05-escravidao-nao-acabou-apenas-se-modernizou/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CARDOSO, V. D. F. et al. **Associação do diagnóstico clínico com a situação ocupacional de usuários de um serviço de Fisioterapia. Fisioterapia e Pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 29–35, jun. 2017.

CARVALHO, M. **A dimensão subjetiva do trabalho doméstico remunerado: uma análise sob a perspectiva da psicologia sócio-histórica**. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Puc Sp, São Paulo, 2019.

CHARLES, L.E.; LOOMIS, D.; DEMISSIE, Z. **Occupational hazards experienced by cleaning workers and janitors: a review of the epidemiologic literature**. *Work*, v.34 n.1 p:105-16, 2009.

CUNHA, O. M. G. **Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição**. In: _____; GOMES, F. (Org.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós emancipação no Brasil*. Rio sw Janeiro: FGV, 2007.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**, v. 2, p. 1-7, 2009.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa – Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FRAGA, A. B.; MONTICELLI, Thays Almeida. “PEC das Domésticas”: holofotes e bastidores. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 3, p. e71312, 2021.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

FREITAS, C. et al. **Perfil de sujeitos com transtornos dos tecidos moles atendidos em um serviço de saúde do trabalhador e as LER/DORT**. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 23, n. 2, p. 305–312, 2015.

FRIAS JUNIOR, C. A. S. et al. **A saúde do trabalhador no Maranhão: uma visão atual e proposta de atuação**. 1999. Tese de Doutorado.

GOMES, D. **Origem do Trabalho Doméstico no Brasil**, Disponível em: <https://www.ebah.com.br/content/ABAAAfqd4AK/origem-trabalho-do-mestico-no-brasil>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GORENDER, J. **Escravidão Urbana. O Escravismo Colonial**. São Paulo. **Expressão Popular. Fundação Perseu Abramo**, 2016.

GRAHAM, S. L. **Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910**. Companhia das Letras, 1992.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais**

por cor ou raça no Brasil - Rio de Janeiro, 2019. (Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41).

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**, p. 55-63, 2003.

LACAZ, F. A. C. O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 4, p. 757-766, 1996.

LAURELL, A. C. La salud-enfermedad como proceso social. **Revista latinoamericana de Salud**, v. 2, n. 1, p. 7-25, 1982.

LEITE, M. J. Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil. **Sankofa (São Paulo)**, v. 10, n. 19, p. 64-82, 2017.

LEFÈVRE, A. M. C. et al. Assistência pública à saúde no Brasil: estudo de seis ancoragens. **Saúde e sociedade**, v. 11, p. 35-47, 2002.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 10, p. 517-524, 2005.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 23, p. 502-507, 2014.

MARX, K. (1867/2013). Processo de trabalho e processo de valorização. In: ANTUNES, R. (org.) **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels** (Vol. I, 2ed, p. 31-58). São Paulo: Expressão Popular.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Boitempo Editorial, 2004.

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. 2 ed. São Paulo: Boitempo. 2010.

MEDEIROS, E. S. **Trabalho doméstico: direitos e obrigações do empregado e do empregador**. 2007.

MENDES, R.; DIAS, E. C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Revista de saúde pública**, v. 25, p. 341-349, 1991.

MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S. M. F. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de saúde pública**, v. 13, p. S21-S32, 1997.

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; BÓGUS, C. M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e sociedade**, v. 13, p. 44-57, 2004.

OLIVEIRA, R. A. A concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 2, n. 03, p. 72–88-72–88, 2010.

OLIVEIRA, M. M. et al. **Problema crônico de coluna e diagnóstico de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) autorreferidos no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde**, 2013. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 24, n. 2, p. 287–296, 2015.

OLIVEIRA, K. S. A.; BANDASSOLLI, P. F.; LUCENA TORRES, T. Apreensão das zonas de sentido da atividade de trabalho da diarista. **Revista de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 127-136, 2018.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. **Convenção e Recomendação sobre Trabalho Decente para as Trabalhadoras e os Trabalhadores Domésticos**. 2011.

PEREIRA, P., B. De escravas a empregadas domésticas-A dimensão social e o " lugar" das mulheres negras no pós-abolição. **Anais do Encontro da ANPUH**, 2011 RIBEIRO, H. P., LACAZ, F. A. C. (Orgs.). (1984). **De que adoecem e morrem os trabalhadores**. São Paulo: Imesp/Diesat.

ROSEN, G. **Uma história da Saúde Pública**. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

ROUX D., A.V. Social epidemiology: past, present, and future, **Annu. Rev. Publ. Health**, 43 (2022), p. 79-98. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-publhealth-060220-042648>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SAFFIOTTI, H. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SALES, E. C.; SANTANA, V. S. **Depressive and anxiety symptoms among housemaids**. *Am J Ind Med*, v. 44, n. 6, p. 685-91, Dec 2003.

SATO, L.; LACAZ, F. A. C.; BERNARDO, M. H. Psicologia e saúde do trabalhador: práticas e investigações na Saúde Pública de São Paulo. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 11, p. 281-288, 2006.

SCLIAR, M. **Do Mágico ao Social: trajetória da saúde pública**. São Paulo: Senac, 2002.

SEVALHO, G. (1993). Uma abordagem histórica das representações sociais de saúde e doença. **Cadernos de Saúde Pública**, **9**, 349-363.

SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Colaboração de André Grillo et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

SOUZA, J. **A classe média no espelho**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

TAMANINI, Marlene. O processo saúde/doença das empregadas domésticas: gênero, trabalho e sofrimento. **Revista de Ciências Humanas**, p. 49-69, 2000.

TAMBELLINI, A. T. et al. Política Nacional de Saúde do Trabalhador, análises e perspectivas: contribuição à Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador. **Rio de Janeiro: ABRASCO**, 1985.

TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Os lugares das empregadas domésticas. **Organizações & Sociedade**, v. 22, p. 161-178, 2014.

TUMOLO, P. S. (2005) O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível. **Educação & Sociedade**, 26(90), 239-265.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde pública**, v. 39, p. 507-514, 2005.

VINUTO, J. A AMOSTRAGEM EM BOLA DE NEVE NA PESQUISA QUALITATIVA: UM DEBATE EM ABERTO. **Temáticas**, [s. l.], v. 22, ed. 44, p. 203-220, 2014. DOI <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 8 nov. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Data da entrevista / /	Hora de início:
Nome do entrevistador:	
Nº de identificação:	
Nome:	

01. Nome:

02. Idade:

03. Escolaridade:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós Graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo | <input type="checkbox"/> Pós graduação completa |

04. Estado Civil: Solteira () Casada () Separada () Viúva ()

05. Possui filhos? Sim () Não () Se sim, quantos?

06. A cor que melhor identifica você é: Branca () Parda () Negra ()

07. Possui alguma religião? Sim () Não () Se sim, qual?

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas?

09. Possui carteira assinada? Sim () Não ()

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa)

11. Qual sua faixa salarial?

Até 2 salários mínimos

De 2 a 4 salários mínimos

De 4 a 7 salários mínimos

Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico?

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais?

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico?

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho?

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha?

17. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho?

18. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho?

Hora do Término da entrevista: _____

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Data da entrevista / /

Hora de início:

Nome do entrevistador:

Nº de identificação:

Nome:

Sexo () F () M Idade atual: Data de nascimento:

/ _____ /

01) Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

02) Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

03) Como é sua relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

04) Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação?

05) Permitir que a entrevistada discorra sobre o que representa para ela ser trabalhadora doméstica, tentar buscar os significados do trabalho.

06) Entre sofrimento e prazer o que significa ou define o seu trabalho cotidiano?

Hora do término da entrevista: _____

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Você está sendo convidada a participar como voluntária da pesquisa “A relação entre saúde e trabalho da empregada doméstica”. Leia com calma, atenção e tempo o presente termo. Tal estudo é importante, pois visa contribuir com estímulo a realização de novos estudos para melhorar a saúde e qualidade de vida no trabalho da empregada doméstica. A presente pesquisa tem por objetivo investigar a relação entre a saúde e o trabalho da empregada doméstica na cidade de Itajubá, Minas Gerais.

PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

A sua participação no estudo referido será da seguinte forma: inicialmente, você será esclarecida quanto aos objetivos e procedimentos a serem utilizados. Caso você concorde em participar desta pesquisa, irá fornecer algumas informações sobre o seu trabalho e sobre suas características pessoais. Primeiramente, responderá a um questionário sociodemográfico para caracterização dos participantes e, em seguida, a pesquisadora fará uma entrevista para que você possa responder sobre seu trabalho.

RISCOS

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos e riscos, como por exemplo, a possibilidade de constrangimento ao responder a entrevista; desconforto; medo; vergonha; estresse; a sua identidade ser revelada; cansaço ao responder às perguntas; quebra de anonimato. Para evitar e/ou reduzir os efeitos e as condições adversas que possam causar dano à participante da pesquisa a pesquisadora não mencionará seu nome ao descrever os resultados; assim como manterá a confidencialidade no armazenamento de dados. Além disso, será utilizado um nome fictício para sua identificação, no qual somente você e a pesquisadora terão conhecimento. Caso sinta algum tipo de desconforto ou risco, você poderá sair do estudo quando quiser, sem sofrer nenhum prejuízo.

BENEFÍCIOS

A pesquisa trará benefícios como ajudar na melhoria das condições de trabalho das mulheres empregadas domésticas, bem como na elaboração de estratégias adequadas e melhorias das políticas públicas existentes; além de gerar novos conhecimentos e enriquecer o acervo bibliográfico frente a temática investigada.

SIGILO E PRIVACIDADE

Como participante da pesquisa, sua privacidade será respeitada, seu nome e qualquer outro dado

que possa lhe identificar serão mantidos em sigilo. Os pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade das informações, bem como a não exposição dos dados de pesquisa, preservando assim o anonimato destes dados, durante todas as fases da pesquisa. Os dados obtidos são serão utilizados somente para fins científicos.

AUTONOMIA

Será garantida assistência a você de forma imediata, integral e gratuita, durante, após e/ou na interrupção da pesquisa caso seja necessária. Assim como o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos sobre o estudo e suas consequências, ou seja, tudo o que queira saber antes, durante e depois de sua participação. Você terá o acesso aos resultados da pesquisa a qualquer momento e sempre que solicitar, exceto se houver justificativa metodológica para tal (caso a informação venha a interferir nos métodos ou no desfecho da pesquisa), apreciada e aprovada pelo Sistema CEP/CONEP. Você tem plena liberdade de se recusar a ingressar no estudo ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem precisar se justificar e sem penalização alguma por parte dos pesquisadores ou da instituição. Além disso, você tem o direito de se retirar do estudo a qualquer momento e não disponibilizar mais qualquer tipo de informação ao pesquisador responsável e à sua equipe.

RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO

Caso você, e acompanhante se necessário, tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, tais como transporte, alimentação entre outros, haverá ressarcimento dos valores gastos da seguinte forma: o valor gasto será ressarcido a você por meio de dinheiro em espécie, mediante comprovação do gasto. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente de sua participação no estudo, você será devidamente indenizado, conforme determina a lei. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente de sua participação no estudo, você tem o direito de buscar a indenização conforme determina a lei.

CONTATO

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: Cristiana Faria Goulart, Psicóloga, mestranda do Programa Desenvolvimento, Tecnologia e Sociedade, na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI); CPF: 111.179.456-18, RG: MG-16.390.822 pelo Prof. Dr. Luiz Felipe Silva, professor do Programa de Mestrado Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), CPF: 310.667.986-72, Prof. Dr. Davidson Passos Mendes, professor do Programa de Mestrado Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá, CPF: 955.922.026-87. Com os respectivos pesquisadores você pode manter contato pelos telefones: (35) 98243862 (Cristiana), (35) 935 84591569 (Prof. Dr. Luiz Felipe Silva), (31)3839-

0848 (Prof. Dr. Davidson Passos Mendes); bem como pelos respectivos e-mails: crisfaria-2005@hotmail.com; lfelipe@unifei.edu.br; davidsonmendes@unifei.edu.br. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é composto por um grupo de pessoas que trabalham para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. O grupo tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de maneira ética.

Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada de tal forma, ou que está sendo prejudicado de alguma maneira, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá (FEPI), Centro Universitário de Itajubá, para maiores esclarecimento, situado na Av. Doutor Antônio Braga Filho, 687 - Bairro Varginha - Itajubá - Minas Gerais - CEP 37.501-002; localizado na sala 505, situada no térreo do bloco 500, dentro do Campus do Centro Universitário de Itajubá – FEPI. Com horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 13h30min às 17h30min e pelo telefone (35) 3629-8400 ramal 430, ou pelo e-mail cep@fepi.br.

CONSENTIMENTO

Entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e tive a oportunidade de discutir as informações relacionadas à pesquisa. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeita com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e, que outra via assinada e datada, será arquivada pela pesquisadora responsável do estudo. Eu poderei solicitar o acesso ao registro do consentimento sempre que necessário.

Por fim, fui orientada a respeito do que foi mencionado neste termo e compreendo a natureza e o objetivo do estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Li e concordo em participar da pesquisa.

Dados do Participante de Pesquisa	
Nome:	
Telefone:	
E-mail:	

Itajubá, ____ de _____ de _____.

--	--

Assinatura do Participante da Pesquisa	Assinatura do Pesquisador

USO DE IMAGEM

Autorizo o uso de minha imagem para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito a elaboração e apresentação dos resultados na dissertação de mestrado da psicóloga Cristiana Faria Goulart, no programa Desenvolvimento, Tecnologia e Sociedade na Universidade Federal de Itajubá, bem como utilização dos resultados para publicações técnico científicas em eventos e artigos em revistas indexadas.

Itajubá, _____ de _____ de _____.

ANEXOS

ANEXO I - ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ENTREVISTA COM A MULHER 1

Realizada em 20 de Novembro de 2023

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: L.R.F

02. Idade: 50 anos

03. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Superior completo

Ensino Médio incompleto

Pós Graduação incompleta

Ensino Médio completo

Pós graduação completa

04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva

05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Dois.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra

07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Católica.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim, quatro.

09. Possui carteira assinada? Sim Não (Apenas em uma residência)

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

- (X) Até 2 salários mínimos
- () De 2 a 4 salários mínimos
- () De 4 a 7 salários mínimos
- () Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 23 anos, muito tempo.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Não. Morava na roça, então cuidava dos filhos.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Sim, trabalha como manicure.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Possui carro próprio, que conseguiu após o divórcio. Anteriormente utilizava ônibus.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Da frente. Algumas ela já entra pela lateral porque gosta.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Já quebrou o pé caindo de um degrau.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim. O que precisa, ela conta para as patroas. Diz que não possui patroas, possui amigas, considera elas irmãs.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Então, o que eu falo, eu vou de manhã, levanto de manhãzinha, vou na academia, levanto muito cedo, umas 5:30, 6:0, e às vezes a noite, a tarde, eu marco unha, faço e eu venho pra casa. Hoje eu sou sozinha daí não tenho muita preocupação, mas antes era um fervor aqui em casa, porque era marido, era os filhos, mas eu conciliei tudo na maior tranquilidade. Tem dias que eu estou muito cansada, muito cansada mesmo. Mas aí nada como uma noite bem dormida. E outra coisa que eu falo assim, que se fosse pra eu trabalhar num lugar que eu não gostasse que não me tratasse bem, aí seria mais difícil mas eu tenho o maior prazer do mundo

em trabalhar. Eles são muito bons pra mim. Então eu acho que isso é uma conciliação, porque você estando bem com as pessoas, você está bem disposta e dá pra conciliar tudo.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Eu tinha muito problema com água sanitária, aí eu agora já melhorei, fiz tratamento porque sou muito alérgica. Mas quando tô atacada com minha rinite, alergia, bronquite, elas não deixam eu fazer nada. Então eu penso muito nelas porque elas me ajudam muito. Pra mim não tem risco nenhum.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Maravilhosa. Só tenho que agradecer a Deus todos os dias e pedir pra que Deus dê saúde pra eles poder pagar o que a gente precisa, né? Eu não considero elas minhas patroas, considero minhas amigas, minhas irmãs.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Nunca. Falo sempre isso, qualquer pessoa perguntar pra mim, eu sou diarista e sou manicure, eu nunca sofri preconceito e não tenho vergonha nenhuma de falar o que eu sou. É tudo que eu consegui conquistar tudo que eu tenho, meus filhos na faculdade, é fruto do meu trabalho, eu falo que tenho orgulho do que eu faço.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Como que eu vou falar... Eu gosto muito de limpeza, acho que tudo isso também influi, porque não adianta você falar que você é uma diarista e não gostar daquilo que faz. Falar ah, eu não gosto disso, não gosto de ser diarista, eu não! Eu gosto de ser diarista, eu gosto de tudo muito limpo. Tem uma casa que uma amiga ajuda eu porque a casa é muito grande, aí chegou a tarde a gente tava cansada aí a gente falou assim “eu tô tão cansada, mas sabe o que é mais gostoso? de saber que a patroa tá viajando e que quando ela chegar a casa vai tá gostosa”.

ENTREVISTA COM A MULHER 2

Realizada em 23 de Novembro de 2023

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: L. M. S

02. Idade: 58

03. Escolaridade: Não estudou

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

- Ensino Fundamental completo Ensino Superior completo
 Ensino Médio incompleto Pós Graduação incompleta
 Ensino Médio completo Pós graduação completa

04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva

05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Sete.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra (Cor de café com leite)

07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Católica mas gosta também da Evangélica.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim, duas casas e também faz bicos em outras.

09. Possui carteira assinada? Sim Não (Mas já possuiu quando trabalhou na Cemig, Unimed)

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

- Até 2 salários mínimos
 De 2 a 4 salários mínimos
 De 4 a 7 salários mínimos
 Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 25 anos.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Anteriormente cuidava da avó e de uma outra senhora.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? A pé ou de motoboy.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada normal.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. De manhã vou em uma e a tarde na outra, quando tenho bicos encaixo eles ao longo da semana.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Ah, acho que os produtos químicos né. Quando trabalhava em empresa as vezes não davam máscara e nas casa tem mistura pra limpar banheiro que são ruins.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Bom. Teve um rapaz de uma república que chegou até a dormir aqui em casa várias vezes, meu marido tinha até ciúmes (risos) mas eu falava que ele era como um filho pra mim, porque vira como se fosse um filho que a gente cuida, a gente dá bronca, briga, já briguei muito com os meninos pra não entrarem nas coisas erradas. Já teve uma mulher que a gente não se dava bem, mas a gente se resolveu e hoje é até amigas.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Já. Algumas vezes em casas que não queria eu lá porque não tinha estudo, falavam que eu era burra, mas eu também não fico calada, nos lugares que me tratam mal eu não deixo quieto, falo mesmo porque não aceito que me diminua.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Eu gosto, porque é muito gratificante você olhar uma casa toda limpinha, arrumada e organizada e ver que foi você que fez esse trabalho. Eu gosto de deixar as coisa tudo arrumadinho e limpinho e saber que as pessoas vão estar felizes ali com a casa limpa é muito bom.

ENTREVISTA COM A MULHER 3

Realizada em 29 de Novembro de 2023

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: A.S.M

02. Idade: 37 anos

03. Escolaridade:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo | <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós Graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo | <input type="checkbox"/> Pós graduação completa |

04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva

05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Três.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra

07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Vou na igreja católica, mas gosto também do terreiro. Acredito em Deus.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Atualmente não. Já trabalhou anteriormente. Hoje trabalha fixo em uma república, mas já trabalhou em outras casas.

09. Possui carteira assinada? Sim Não Nas outras casas não possuía

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

- Até 2 salários mínimos
 De 2 a 4 salários mínimos
 De 4 a 7 salários mínimos
 Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 16 anos.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim. Já trabalhou como manicure, garçonzete, costureira, vendedora de bolos, trufas e sanduíches naturais.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Sim, as vezes realiza bicos como garçonzete ou faxinas em casas de amigos durante finais de semana.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Transporte público.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Pela entrada principal, tem a chave.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim, quando precisa de algo faz lista para compras.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Dançando conforme a música. Tem dias que não dá vontade de fazer nada, mas tenho estratégias para ir organizando tudo e vou encaixando como dá.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Não. Se tiver algum risco é porque eu as vezes bebo lá junto com eles (risos).

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. São como filhos, eu sinto que cuido um pouco de todos, nós saímos juntos, já fomos pra festas juntos, mas eu também dou sermão, falo bobeira no horário de almoço.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Sim. Um dia na hora do almoço na república, um dos meninos estava falando sobre carros chiques e coisas que ele disse que eu não entenderia porque disse que sou burra. Já teve uma outra vez também que fui em uma festa que os meninos da república que organizaram e lá, uma menina amiga deles falou “nossa mas essa não é a empregada da rep? Essa D.A já foi mais bem frequentado”. Também na época de vender os convites da festa, eles disseram pra eu vender alguns mas depois não queriam mais porque disseram que eu só conheço “nóia”.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. É muito difícil, uma vez trabalhando em uma outra república, as meninas não entendiam quando eu precisava sair por estar passando mal, porque foi durante a gravidez. Também me desentendi com uma menina por causa de limpeza. Eu gosto de dizer que estou faxineira, porque não pretendo ficar neste emprego para sempre, mas agora preciso disso para cuidar dos filhos, da casa, mas quero voltar a estudar para sair desse trabalho.

ENTREVISTA COM A MULHER 4

Realizada em 03 de Dezembro de 2023

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: C.M.A.M

02. Idade: 43 anos

03. Escolaridade:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós Graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo | <input type="checkbox"/> Pós graduação completa |

04. Estado Civil: Solteira (X) Casada () Separada () Viúva ()

05. Possui filhos? Sim (X) Não () Se sim, quantos? Três.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca (X) Parda () Negra ()

07. Possui alguma religião? Sim (X) Não () Se sim, qual? Católica, mas não praticante.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Não.

09. Possui carteira assinada? Sim (X) Não ()

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

Até 2 salários mínimos

De 2 a 4 salários mínimos

De 4 a 7 salários mínimos

Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? Desde os 15 anos de idade.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Não.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Ônibus.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada da frente.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Não trabalha em mais de uma.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Não...

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Muito boa, já trabalhei em casa que era horrível. Era coisa de separar prato, copo, de ter restrição pra comer, de fazer alguma coisa. Mas como eu sempre trabalhei eu nunca vi diferença, aí quando a gente vem pra uma casa que as pessoas são boas, a gente percebe. Mas aqui não, aqui é muito bom. Nas outras casas eu tinha que comer depois de todo mundo, tudo era pedido.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Ah, já. Não me lembro... Só o fato de você separar o copo já é uma discriminação, só de você ter que comer... Não que eu queira sentar com eles, mas de você ter que esperar, da pessoa colocar comida no seu prato, isso querendo ou não já é uma discriminação.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Olha, eu gosto. Eu gosto muito do que eu faço, mas tem gente que não gosta. Eu não suporto me ver trabalhando em loja, não gosto de gente. Eu gosto disso aqui, gosto de fazer, limpar, gosto de pegar um negócio bem sujo e deixar bem limpo, é isso. Eu não tenho muito o que dizer...

ENTREVISTA COM A MULHER 5

Realizada em 09 de Dezembro de 2023

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: S. F. S. F.

02. Idade: 44

03. Escolaridade:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós Graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo | <input type="checkbox"/> Pós graduação completa |

04. Estado Civil: Solteira () Casada () Separada () Viúva ()

05. Possui filhos? Sim () Não () Se sim, quantos? Quatro.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca () Parda () Negra ()

07. Possui alguma religião? Sim () Não () Se sim, qual? Evangélica.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim, em sete ou oito casas.

09. Possui carteira assinada? Sim () Não ()

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

Até 2 salários mínimos

De 2 a 4 salários mínimos

De 4 a 7 salários mínimos

Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? Desde os 7 anos de idade, a mãe a levava já para trabalhar.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Não. Já trabalhou na UNIFEI e no exército, mas teve problema no coração e precisou parar.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Antigamente de bicicleta, mas atualmente o marido a leva de carro.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Todas pela porta da frente.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Já caiu, levou tombo, escorregar com chinelo, de subir na escada e a escada não estar muito boa.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Tem casas que as pessoas fornecem produtos de limpeza, mas casas que não.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. É uma dor de cabeça, porque as que eu faço de 15 em 15 dias são bastantes casa. Então eu tenho que pensar, essa semana eu já fui nessa aqui, agora é essa. Então é assim. Mas é

desgastante, porque fazer faxina na casa dos outros é cansativo, eu faço faxina de segunda à sábado e agora nessa época de natal eu sou bem procurada, eu as vezes faço em dois lugares ao mesmo tempo, mas é bem cansativo, porque faxina é pesado.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Muito. Então, cê lida muito assim com Quiboa, e Quiboa prejudica sua saúde, tem cheior muito forte de produto de limpeza que você vai limpar um armário muito gorduroso então cê pode... Se você fizer mistureba, tem gente que gosta mas eu não gosto de fazer essas coisas não. Porque a água sanitária acaba com a vida da gente. Esses negócio aí de piso... De remoção de piso, pra remover cera, aquela enceradeira, então tudo isso prejudica a saúde.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Então, eu assim, as que são mais fixas eu tenho uma relação boa com todas elas, porque eu foco no serviço. Eu chego lá, não fico fazendo outra coisa, eu foco no serviço porque primeiro nós tamo na casa dos outros, né, segundo é uma necessidade minha, então eu tenho que ir, fazer e ir embora, o mais rápido que eu fazer e ir embora melhor pra mim. Então minha relação com eles é boa, tem umas que é meio carninha de pescoço.. Tem casa que pedia pra eu lavar os cachorros, pessoal confunde é, limpeza com liberdade de fazer outras coisas. Tem gente que gosta que lava roupa, isso não faz parte da faxina. Faxina é você arranca tudo do lugar, cê tem que limpar é pra fora, sua obrigação é o de fora, mas dentro não. Tem uns que eu já estou há um tempo então eu dou uma forcinha a mais, mas não tem recompensa nenhuma.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Ó, quando eu trabalhava na UNIFEI eu entrei uma vez numa loja e eu ia muito na cidade de bota e minha amiga que tinha que tirar minha bota porque meu pé acho que inchava na bota e ela que tinha que tirar minha bota e aí dessa vez ela não tinha ido e eu não tirei a bota e eu coloquei porque era segurança do trabalho e eu entrei na loja e a moça me olhou meio assim “acho que ela não tem dinheiro pra pagar” meio assim, acho que ela me discriminou nessa parte. Mas em questão do serviço, as vezes olham meio tortinho, né. Mas nas casas não.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Ó, eu, quando eu entrei no trabalho do exército eu li uma frase “tudo que merece ser feito merece ser bem feito”, né. Então, eu gosto da minha profissão. Eu tiro dali meu sustento, tiro ali minha, né. Eu sinto vontade de ir todos os dias, sair daqui e ir trabalhar. Eu gosto do que eu faço. É um serviço que eu chego as vezes numa casa e fico meu Deus será que vou dar conta e depois eu saio de lá não acredito que fui eu que fiz. Uma vez uma mulher falou pra mim que quando eu saio da casa dela a casa tem outro ar, tem outro espírito porque a casa tá limpa, tá cheirosa. E eu gosto do que eu faço, por em sempre fazer com minha mãe desde pequena então eu aprendi a fazer e eu gosto do que eu faço. Se fosse hoje pra mim falar pra você assim, você prefere trabalhar em outro lugar? Em outra profissão? Eu diria pra você que não, porque eu gosto de fazer faxina, sair daqui cedo, é gratificante pra mim entrar numa casa suja e sair com ela limpinha.

ENTREVISTA COM A MULHER 6**Realizada em 13 de Dezembro de 2023****QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

01. Identificação: S. C. S. L.

02. Idade: 61 anos.

03. Escolaridade:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós Graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo | <input type="checkbox"/> Pós graduação completa |

04. Estado Civil: Solteira (X) Casada () Separada () Viúva () (União estável)

05. Possui filhos? Sim (X) Não () Se sim, quantos? 3 filhos.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca () Parda (X) Negra ()

07. Possui alguma religião? Sim (X) Não () Se sim, qual? Evangélica.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim, em torno de 10 casas.

09. Possui carteira assinada? Sim () Não (X)

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

- Até 2 salários mínimos
 De 2 a 4 salários mínimos

- () De 4 a 7 salários mínimos
- () Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? Há mais de 20 anos, que trabalha sem registro.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim, trabalhou na Hora Minas, por um ano e sete meses, como produção.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Bicicleta.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Sempre entrou pelo elevador normal e costuma sempre entrar pela porta da cozinha, as vezes pela porta da sala.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Ah, tem uma moça que me chama de vez em quando só, daí é só as vezes que vou na casa dela, porque já saí de lá e entrou outra moça e eu não queria tirar ela de lá, mas a Dona M. me chama quando é um trabalho mais pesado. E as outras casa eu organizo durante a semana mesmo.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Ah, o serviço meu mexo muito com banheiro, porque a gente corre risco de pegar uma bactéria, uma coisa assim, né.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Muito boa. Eu sempre tive sorte com todos os patrão meu. Eu aprendi muita coisa trabalhando numas casas, a gente aprende muita coisa. Como lidar com as pessoas, como chegar. Eu gosto (risos).

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Não.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Então, é assim, a gente tem que fazer o que a gente gosta né, eu gosto do que eu faço, eu gosto de ser faxineira, gosto de trabalhar nas casas. As pessoas lidam comigo como se eu fosse uma pessoa normal, não como uma faxineira, me trata muito bem. Eu gosto do que eu faço, gosto de ser faxineira, eu nunca tive preconceito, nunca tive esse problema de falar que eu sou faxineira, porque eu sempre trabalhei muito bem, eu sempre fui muito procurada. Mas eu gosto do que eu faço, sabe, então eu tô feliz na minha área.

ENTREVISTA COM A MULHER 7

Realizada em 13 de Janeiro de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: C. S. A. L.

02. Idade: 47

03. Escolaridade:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós Graduação incompleta |
| <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Médio completo (Com curso técnico) | <input type="checkbox"/> Pós graduação completa |

04. Estado Civil: Solteira (X) Casada () Separada () Viúva ()

05. Possui filhos? Sim (X) Não () Se sim, quantos? Dois.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca () Parda (X) Negra ()

07. Possui alguma religião? Sim () Não (X) Se sim, qual? Simpatiza com a Umbanda, mas tem suas crenças, se considera Espírita porque é Espiritualizada.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Já trabalhou em quatro casas, hoje não.

09. Possui carteira assinada? Sim Não

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Não.

11. Qual sua faixa salarial?

Até 2 salários mínimos

De 2 a 4 salários mínimos

De 4 a 7 salários mínimos

Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? Dois anos.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim. Secretária, auxiliar administrativa, gerente de loja, vendedora.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Ônibus.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Porta principal, até porque as casas em que trabalha não possuem entrada de doméstica.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Não.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Ah, com os dias né, porque como já é fixo, cada dia da semana é em uma casa.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Às vezes sim né, porque cê tem que limpar um vidro e não tem equipamento porque não tinha banquinho e tem que subir escada... Esses riscos assim, né...

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Era uma relação assim, boa, apesar de cada um saber o seu lugar, eu dei sorte de trabalhar com pessoas boas, humanas.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Não.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Então, é, quando eu fui trabalhar como diarista pra mim foi um desafio porque eu tinha acabado de sair do meu relacionamento, fazia anos que eu não tava no mercado de trabalho, mas era um trabalho que eu dominava bem porque eu gosto de cuidar da casa, na organização eu sou boa no que eu faço, eu gosto de organizar, eu organizo tudo certinho, não gosto de muita bagunça espalhada. Eu pego um ambiente e assim, pra mim foi libertador, porque foi através desse trabalho que eu consegui me desprender de outras coisas, do meu relacionamento que me prendia. Então, foi um divisor de águas na minha vida, porque foi através desse trabalho que eu tive forças e uma luz. Porque as vezes a gente fica meio ai mas você vai trabalhar de domésticas, não sei o que, não, eu vou, é um trabalho como qualquer outro. É um trabalho digno e eu gosto.

ENTREVISTA COM A MULHER 8

Realizada em 29 de Novembro de 2023

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: D. V. G.

02. Idade: 49 anos.

03. Escolaridade:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós Graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo | <input type="checkbox"/> Pós graduação completa |

04. Estado Civil: Solteira () Casada (X) Separada () Viúva ()

05. Possui filhos? Sim (X) Não () Se sim, quantos? Duas filhas.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra
07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Espírita.
08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim, duas.
09. Possui carteira assinada? Sim Não (Apenas em uma residência)
10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.
11. Qual sua faixa salarial?
- Até 2 salários mínimos
- De 2 a 4 salários mínimos
- De 4 a 7 salários mínimos
- Mais de 7 salários mínimos
12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 3 anos.
13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim, como cuidadora de idosos.
14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.
15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? A pé.
16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Sempre a normal, principal.
18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.
19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Não, se precisasse ela mesma que precisaria levar.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de

uma)

R. Como eram em dias diferentes, eu conciliava assim, cada dia em uma casa.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Sim, por conta do esforço física, os movimentos repetitivos, produtos químicos quando mexe com banheiro, a Quiboa que faz muito mal, carga também que é pesada.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Boa, teve uma moça que não era muito legal, mas depois nós conversamos e hoje somos até amigas.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Não. Graças à Deus eu dei sorte de trabalhar com pessoas que são pessoas razoáveis, quer dizer, tem algumas coisas mas que me tratavam bem.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Muito difícil. Eu fiz porque estava em um momento de muita necessidade, com duas filhas e uma delas que acabou de ter um filho, mas eu não recomendo para ninguém, é um trabalho que é pesado e não é reconhecido, sabe? Eu tenho certeza que hoje as dores que eu comecei a sentir na coluna e outros problemas foram por causa desse esforço. Então pra mim não compensa não.

ENTREVISTA COM A MULHER 09

Realizada em 09 de Janeiro de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: S.C.M.M

02. Idade: 46 anos.

03. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Superior completo

Ensino Médio incompleto

Pós Graduação incompleta

Ensino Médio completo

Pós graduação completa

04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva

05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Quatro filhos.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra
07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Cristã.
08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim, três.
09. Possui carteira assinada? Sim Não
10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.
11. Qual sua faixa salarial?
- Até 2 salários mínimos
- De 2 a 4 salários mínimos
- De 4 a 7 salários mínimos
- Mais de 7 salários mínimos
12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 11 anos.
13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim, como metalúrgia, babá.
14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.
15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Transporte público (que por sinal é horrível)
16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada principal em todas.
18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.
19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim, em todas as casas.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Até que é tranquilo porque eu trabalho dois dias em uma casa, dois dias na outra e na quarta-feira trabalho em uma casa só. Tanto é que consigo sair mais cedo, ir na academia, resolver as coisas no centro. Só na terça e sexta que saio um pouco mais tarde, umas quatro horas.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Não, não percebo não, é tranquilo.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Ela é ótima, eles são gente boa demais.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Sim. Já sofri muita discriminação com um moço que eu trabalhava, que ele era doutor, e ele toda vez que eu tirava o lixo depois ia lá ver e abrir o lixo pra ver se eu tinha colocado alguma coisa dentro, sabe? Com desconfiança achando que eu ia pegar alguma coisa pra roubar, algo assim. Daí eu falava pra ele se ele queria olhar minha bolsa também, daí ele dizia que “não, não”, mas era isso, foi a pior coisa que passei. Hoje não trabalho mais com ele, as outras casas são ótimas, a moça que eu trabalho hoje me deixa comer a vontade, o outro me dá até a chave de casa.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Assim, eu acho que cada um nasce com o dom de fazer o que gosta, sabe? Então eu trabalho igual eu faço na minha casa, com muito prazer, com muita felicidade e carinho. Eu faço meu trabalho na casa dos outros do mesmo jeito que eu faço na minha casa e eu gosto do que eu faço. Não tenho vergonha de falar, nunca tive. E eu gosto do que eu faço.

ENTREVISTA COM A MULHER 10

Realizada em 12 de Janeiro de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: A.S.L.

02. Idade: 43 anos.

03. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Superior completo

- Ensino Médio incompleto Pós Graduação incompleta
 Ensino Médio completo Pós graduação completa
04. Estado Civil: Solteira (X) Casada () Separada () Viúva ()
05. Possui filhos? Sim (X) Não () Se sim, quantos? Três filhos.
06. A cor que melhor identifica você é: Branca () Parda () Negra (X)
07. Possui alguma religião? Sim (X) Não () Se sim, qual? Católica mas não praticante.
08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Não.
09. Possui carteira assinada? Sim (X) Não ()
10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.
11. Qual sua faixa salarial?
(X) Até 2 salários mínimos
() De 2 a 4 salários mínimos
() De 4 a 7 salários mínimos
() Mais de 7 salários mínimos
12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? Desde os 15 anos de idade.
13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Não.
14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.
15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Ônibus.
16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada da frente.
18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Ah, como eu trabalho em uma casa só, eu consigo me organizar melhor. Consigo fazer tudo que preciso lá sem problemas. Como eu já trabalho lá faz tempo eu aprendi a ajustar meu tempo certinho.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Então, acho que não tem nenhum risco não. Mas acho que é bom tomar cuidado com carregar muito peso e também com os produtos de limpeza tipo Quíboa que é forte.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Ela é ótima, eles me tratam com respeito, eu já fui até madrinha de um dos filhos dela, sabe? Acho que a gente tem uma relação como se fosse de família mesmo, eu considero os filhos dela como meus filhos também. Daí acho que é uma relação boa.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Sim. Já sofri muita discriminação principalmente na hora de comer, de não poder sentar na mesma mesa que os patrões ou poder usar pratos e louças iguais os que eles tavam usando. Já fui menosprezada também por causa da minha cor, né? De olharem feio ou acharem que sou burra. Mas bola pra frente, né? Faz parte da vida.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. O trabalho doméstico pra mim é minha fonte de sustento, é onde eu sinto que sou útil e também sinto que tô realizada. Eu gosto de deixar tudo sempre organizado e limpinho, sempre fui muito organizada com minhas coisas, daí saber que com meu trabalho eu deixo a casa de alguém mais bonita é gratificante. E eu ainda gosto muito do que eu faço, tenho bastante orgulho assim de dizer que sou empregada doméstica, não tenho vergonha não. Eu faço meu trabalho bem feito e gosto muito dele porque sem ele eu não teria meu sustento.

ENTREVISTA COM A MULHER 11

Realizada em 02 de Fevereiro de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: E.C.A.M

02. Idade: 43 anos.

03. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Superior completo

Ensino Médio incompleto

Pós Graduação incompleta

Ensino Médio completo

Pós graduação completa

04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva

05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Seis filhos.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra

07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Católica.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Não.

09. Possui carteira assinada? Sim Não

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

Até 2 salários mínimos

De 2 a 4 salários mínimos

De 4 a 7 salários mínimos

Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 1 ano.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim. Camareira hospitalar e ajudante de cozinha.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? A pé.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada da frente.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Não.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Não trabalha em mais de uma residência.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Ah, eu acho que não tem nenhum não.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. A gente não tem muita conversa não, sabe? É só o básico mesmo, de eu pedir os produtos que precisa e que tão em falta pra fazer a faxina, de salário, essas coisas.... Fora isso não tem muita conversa não. Então acho que é boa.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Não que me lembre, não.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Tem pouco tempo que tô trabalhando com isso né, mas acredito que é um trabalho bastante cansativo, tem dias que eu chego em casa e só quero dormir, mas ainda tenho que limpar minha casa e fazer marmitta para os meus filhos... Mas o que me motiva a continuar é porque é o jeito que eu tenho de pagar minhas contas.

ENTREVISTA COM A MULHER 12**Realizada em 22 de Fevereiro de 2024****QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

01. Identificação: L.M.C

02. Idade: 45 anos.

03. Escolaridade:

 Ensino Fundamental incompleto Ensino Superior incompleto Ensino Fundamental completo Ensino Superior completo Ensino Médio incompleto Pós Graduação incompleta Ensino Médio completo Pós graduação completa04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva 05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Três filhos.06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra 07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Católica.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim, duas.

09. Possui carteira assinada? Sim Não

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

 Até 2 salários mínimos De 2 a 4 salários mínimos De 4 a 7 salários mínimos

() Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? Muitos anos, desde os 15 anos.
13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim. Em fábrica, reciclagem, doceria e segurança (ainda trabalha com isso).
14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Sim, de segurança.
15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Bicicleta.
16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada da frente.
18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Sim. Já escorregou e caiu da escada, machucando feio. Sandália escorregou.
19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Não.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Então, da república é só dia de sábado e na outra casa é de segunda a sexta. E aí os outros dias que eu faço de segurança é a noite. Dia de festa, essas coisa.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Não.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Ahh, olha aqui, é como se fosse uma amiga, minha patroa principalmente. Os meninos, um fio né. Igual esses dias eu tava falando pra ela que graças à Deus todo serviço que já trabalhei nenhum dos meus patrões tem rancor comigo. Daí já encontrei com um ex-patrão lá na Santa Rosa e perguntei “E aí o que cê tá fazendo aqui?” Daí ele “Uai, tô perdido aqui”. Daí a gente mantém amizade né, não mantém rancor, a gente mantém amizade né. Igual umas meninas que eu já trabalhei ano passado, eu ia embora né, daí eu não fui, e elas encontraram comigo e querem que eu vá lá na casa delas cuidar do cachorro pra elas porque elas vão viajar.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. No serviço? Não..

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Ahh, o serviço pra mim? É bom né, que é o dinheirinho da gente e ao mesmo tempo uma diversão né, que a gente sai um pouquinho de casa. Aí as conta bate né, na porta e a gente também saindo pra trabalhar consegue comprar uma roupa, um sapato, comer, né. Que tá só eu e minha menina que os outros foram embora, um tá pra São Paulo e o outro mora com a vó. Então pra mim é uma diversão, uma distração da cabeça. Porque mesmo se eu for aposentar um dia eu vou continuar trabalhando porque não gosto de ficar parada. Mesmo domingo eu arranjo serviço de fazer unha, minha filha até acha ruim comigo fala “Mãeee, cê ta trabalhando demais”. Mas eu não quero aposentar não, tem gente que quer aposentar mas aposentar é ficar sem fazer nadaaaa e eu não quero não, quero viver e trabalhar.

ENTREVISTA COM A MULHER 13

Realizada em 24 Fevereiro de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: M.J.S

02. Idade: 46 anos.

03. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Superior completo

Ensino Médio incompleto

Pós Graduação incompleta

Ensino Médio completo

Pós graduação completa

04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva

05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Três filhos.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra

07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Evangélica.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Não.

09. Possui carteira assinada? Sim Não

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

Até 2 salários mínimos

De 2 a 4 salários mínimos

De 4 a 7 salários mínimos

Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? Desde os 18 anos anos, já devem fazer uns 28 anos.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Não.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Geralmente de ônibus.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada principal.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Trabalha em uma residência.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Aii, então, tem alguns produtos de limpeza que são arriscado né? Daí eu sempre tento cuidar pra não acontecer nada. Tem vez também que precisa carregar várias coisas que são pesadas e aí fica perigoso machucar as costas, eu já dei mal jeito na coluna uma vez de ficar carregando as coisa pra lá e pra cá.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Nossa relação é bem tranquila até. Como eu trabalho com eles desde que era bem nova eles tão sempre fazendo parte da minha vida. A gente conversa sempre, como se fosse amiga mesmo sabe? A gente respeita o espaço do outro mas também eu gosto que tem essa proximidade. Eu acho que eles confiam em mim e no meu trabalho também. Outro dia ela comentou comigo que gosta do meu serviço, das coisas que eu faço.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Eu já vi uns olhares torto por aí, né? Tem vez que quando eu falo que sou empregada doméstica as pessoas me olham um pouco feio ou fica meio achando que sou menos, mas eu nem ligo mais não, porque eu tenho orgulho do que eu faço.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Ahhhh, é meu ganha-pão, né? Tudo que eu preciso pra pagar as contas e pra poder sobreviver, cuidar da minha casa e da minha família também. Eu gosto do que eu faço, porque a gente tem que gostar mesmo, tem que ter orgulho porque a gente não tá fazendo nada de errado. A gente trabalha muito, muito mesmo pra poder dar o melhor pra nossa família e pra nossa casa, né? E aí eu tenho muito orgulho do meu trabalho e do que eu faço, porque daí consigo ter uma vida melhor e dar um sustento pra minha família e pagar as conta.

ENTREVISTA COM A MULHER 14

Realizada em 02 de Março de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: R.G.O.A

02. Idade: 65 anos.

03. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Superior completo

Ensino Médio incompleto

Pós Graduação incompleta

Ensino Médio completo

Pós graduação completa

04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva

05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Tinha quatro filhos, um faleceu.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra
07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Evangélica.
08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim. 10 casas de Itajubá à Piranguinho.
09. Possui carteira assinada? Sim Não
10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.
11. Qual sua faixa salarial?
- Até 2 salários mínimos
- De 2 a 4 salários mínimos
- De 4 a 7 salários mínimos
- Mais de 7 salários mínimos
12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 20 anos.
13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim. Em fábrica, em loja.
14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.
15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Ônibus ou a pé.
16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada principal.
18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.
19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim. Quando eu vejo que tá acabando eu já aviso.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de

uma)

R. Eu tenho uma agenda, e tenho a memória boa, fia. Terça-feira eu vou numa casa, mas se ligar pra mim de hoje pra amanhã, eu não faço. Tem que ser com antecedência. Eu não vou tirar uma faxina pra colocar outra no lugar. Tem uma moça que eu trabalho com ela há nove anos, então eu coloco ela como prioridade.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Não. Não percebo não, mas eu tomo muito cuidado com o meu trabalho que eu faço. Olha isso aqui, é alergia a detergente. Mas eu tomo cuidado com meu serviço, faço com calma.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Maravilhosa.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Não, nunca sofri não. Mas já tive que esperar a pessoa comer, esperar tirar a mesa, pra poder comer.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Olha aqui, quando eu comecei a trabalhar, eu fiquei pensando em até lapidar o meu caminho, eu quero trabalhar pra poder ter o meu dinheiro. Não quero depender de ninguém, eu quero viajar? Vou viajar, quero comer uma coisa, eu como também. Porque eu dependia muito do meu antigo marido e ele que pagava as coisas todas e agora eu que faço tudo. Minha neta as vezes pede “Vovó, preciso de uma ajuda” e eu vou lá e ajudo. E meu marido agora não precisa me ajudar porque eu tenho o meu dinheiro. Ajudo meus netos, graças à Deus.

ENTREVISTA COM A MULHER 15**Realizada em 24 Fevereiro de 2024****QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

01. Identificação: T.C.S.

02. Idade: 42 anos.

03. Escolaridade:

 Ensino Fundamental incompleto Ensino Superior incompleto Ensino Fundamental completo Ensino Superior completo Ensino Médio incompleto Pós Graduação incompleta Ensino Médio completo Pós graduação completa04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva 05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Três filhos.06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra 07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Evangélica.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim. Trabalha fixo em uma clínica (meio período de manhã, de segunda a sexta), depois tem umas casas que vai de Segunda à Sexta e umas casas que também faz limpeza final de semana.

09. Possui carteira assinada? Sim Não (Apenas na clínica)

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

(X) Até 2 salários mínimos

() De 2 a 4 salários mínimos

() De 4 a 7 salários mínimos

() Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? Há 09 anos.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim. Na fábrica, como produção.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Bicicleta.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada principal.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Ah, não. Acidente feio não. Já sofri uns cortinhos na mão e uma vez eu caí quebrei um banquinho de uma estudante da Unifei, fui limpar a janela e caí do banquinho, só que caí e já levantei, só fiquei dolorida, nada grave.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Não tem nada não, quase não tem vassoura.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Ah, a cabeça tem que tá boa. De segunda a sexta na clínica eu já sei tudo do serviço, já chego cedo, faço café, aí dando umas 10:30 já lancho alguma coisa pra sair da clínica e vou pras casas. Aí tipo assim, dia de segunda eu tenho um serviço fixo que é a casa do meu patrão, aí as vezes na segunda eu fico esperando a pessoa de terça confirmar comigo “ó, cê vem?”, aí na terça eu sei que vou ali. Na quarta também tenho um fixo que eu sei que vou lá. As casas fixas que eu sei são de segunda, quarta e sexta, aí terça e quinta, tem gente que me chama de 15 em 15 dias, daí a cabeça tem que tá boa, porque aí terça eu tô ali, quinta tô lá.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Ah, por enquanto não. Tudo tranquilo, não vou fazer mais do que eu posso. As vezes dinheiro nenhum compra a saúde da gente né. Mas teve uma época que tive uma dor nas costas, daí comecei a manear no serviço.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Ah, todos tranquilos. Tem o que, cinco, seis famílias, estudantes da UNIFEi, são tranquilas. Mas meu patrão arrumou uma mulher agora que nós não tamo se encaixando muito não, mas uma tem que compreender a outra, né. Tô ali pra ajudar eles, então aí a gente vai se encaixando.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Não.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. AH, eu gosto muito do meu trabalho. Igual minhas filha fala assim “mãe, você tem estudo, porque você não vai trabalhar em fábrica, em loja?” e eu falo assim, ah eu tentei, não gostei, não me identifiquei, tem que lidar com muita gente, assim, tem gente de todo tipo, falei, eu não gostei. As meninas da clínica ri de mim, eu cuido dos meus paninho, cuido das minhas coisas, tenho meu rodo e eu sou muito agitada. Então tem que ser só eu, meus patrão fala que eu faço sorrindo, gosto do que eu faço, gosto muito.

ENTREVISTA COM A MULHER 16

Realizada em 24 Fevereiro de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: R.O.M

02. Idade: 40 anos

03. Escolaridade:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós Graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo | <input type="checkbox"/> Pós graduação completa |

04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva
05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Quatro filhos.
06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra
07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Evangélica.
08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim. Cada dia uma casa e fixo três famílias.
09. Possui carteira assinada? Sim Não
10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.
11. Qual sua faixa salarial?
 Até 2 salários mínimos
 De 2 a 4 salários mínimos
 De 4 a 7 salários mínimos
 Mais de 7 salários mínimos
12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 10/12 anos.
13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Não.
14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.
15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Bicicleta.
16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada principal.
18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.
19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Não.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Então, de segunda a sábado, eu tenho essas três casas que são fixas, daí as outras eu vou encaixando quando as outras pessoas forem confirmando pra mim.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Percebo, né, tem isso de inalar produto de limpeza e também pode dar lesão na pele, por alergia dos produtos que são fortes.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Ela é boa. As casas fixas que eu tô já conheço todo mundo há muitos anos e a gente tenta né, ter uma relação boa, conversar, os filhos me tratam bem, sempre que dá eu consigo pedir os produto as coisas que faltam né, pra ajudar na limpeza.. Então acho que é boa, sim.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Não que eu me lembre.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Ai, eu gosto muito do que eu faço, sabe...Eu trabalho muito e eu tenho muito carinho com os meus patrões e com as coisas que vou fazer, gosto de ver a casa limpa e saber que eu que fiz aquele serviço, mas é cansativo... Eu cuido da minha casa sozinha, tenho meus filhos mas é o que sustenta minha casa, que paga as minhas contas... Eu gosto muito também, não consigo ficar parada, sempre trabalhei, então não tenho nada que reclamar não.

ENTREVISTA COM A MULHER 17

Realizada em 07 de Março de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: M.L.B

02. Idade: 51 anos

03. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Superior completo

Ensino Médio incompleto

Pós Graduação incompleta

- Ensino Médio completo Pós graduação completa
04. Estado Civil: Solteira Casada Separada Viúva
05. Possui filhos? Sim Não Se sim, quantos? Três filhos.
06. A cor que melhor identifica você é: Branca Parda Negra
07. Possui alguma religião? Sim Não Se sim, qual? Católica.
08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim, em duas.
09. Possui carteira assinada? Sim Não
10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.
11. Qual sua faixa salarial?
- Até 2 salários mínimos
- De 2 a 4 salários mínimos
- De 4 a 7 salários mínimos
- Mais de 7 salários mínimos
12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 20 anos.
13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim, na roça com lavoura.
14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.
15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Ônibus.
16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada principal.
18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. É porque em uma casa é uma vez por semana só, e na outra eu vou de 15 em 15 dias.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Saúde? Não.. não vejo risco não.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Ah, é boa. Eu tô sempre com eles, então é boa.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Não.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Ah, pra mim significa bastante coisa assim, é uma coisa que me ajuda, né. E é bom trabalhar, né. Não tenho muito o que reclamar não, pra mim é bom. Eu falo que não gosto de ficar parada né. Claro que a gente sempre quer melhorar né, mas pra mim é bom, eu gosto muito do que eu faço. Gosto dessa parte de faxina, mas cozinha eu não gosto muito não, não é meu forte. E é isso, gosto do que eu faço.

ENTREVISTA COM A MULHER 18

Realizada em 10 de Março de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: V.A.A.

02. Idade: 53 anos.

03. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Superior completo

Ensino Médio incompleto

Pós Graduação incompleta

Ensino Médio completo

Pós graduação completa

04. Estado Civil: Solteira (X) Casada () Separada () Viúva ()
05. Possui filhos? Sim (X) Não () Se sim, quantos? Três filhos.
06. A cor que melhor identifica você é: Branca (X) Parda () Negra ()
07. Possui alguma religião? Sim (X) Não () Se sim, qual? Católica.
08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Sim, três.
09. Possui carteira assinada? Sim () Não (X)
10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.
11. Qual sua faixa salarial?
- (X) Até 2 salários mínimos
- () De 2 a 4 salários mínimos
- () De 4 a 7 salários mínimos
- () Mais de 7 salários mínimos
12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? 8 anos.
13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Sim. Manicure, vendedora.
14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.
15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? A pé.
16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada de frente.
18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Sim.
19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Olha, acaba que eu faço tudo correndo porque senão não dá tempo de limpar tudo direito e aí tenho que deixar pra próxima vez. Tem casa que vou só uma vez por mês daí tem que saber organizar tudo direito pra dar tempo.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Percebo sim. Principalmente com produto de banheiro, que tem uns cheiro forte, essas coisas.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Acho que minha relação é boa, em todas as casa. Eu tento me dar bem com todos os patrões que tenho pra sempre ter uma boa relação.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Já sim, por ser gorda.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Ah, eu só vou porque eu preciso mesmo, viu. Porque além do trabalho eu também cuido da minha casa sozinha, daí eu que preciso pagar minhas contas e minhas coisas, mas é muito triste.

ENTREVISTA COM A MULHER 19

Realizada em 30 de Março de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: P.B.S

02. Idade: 87

03. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Superior incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Superior completo

Ensino Médio incompleto

Pós Graduação incompleta

Ensino Médio completo

Pós graduação completa

04. Estado Civil: Solteira (X) Casada () Separada () Viúva ()
05. Possui filhos? Sim () Não (X) Se sim, quantos? Três filhos.
06. A cor que melhor identifica você é: Branca () Parda () Negra (X)
07. Possui alguma religião? Sim (X) Não () Se sim, qual? Católica.
08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Não (Mora na residência da família em que trabalha).
09. Possui carteira assinada? Sim () Não (X)
10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) (Mora na residência que trabalha)
11. Qual sua faixa salarial?
- (X) Até 2 salários mínimos
- () De 2 a 4 salários mínimos
- () De 4 a 7 salários mínimos
- () Mais de 7 salários mínimos
12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? A vida inteira.
13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Babá, arrumadeira, cozinheira.
14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.
15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Mora no trabalho.
16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Mora no trabalho.
18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Sim, possui uma artrose na região das pernas e mãos.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Não.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Trabalha em uma residência. A família sempre trabalhou com essa mesma família, foi levada do Rio de Janeiro para Itajubá junto com esta família desde nova e trabalhou com eles desde então. Mora em Itajubá junto com os mesmos. Trabalhou com a mãe da mãe desta família.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Percebo, eu já sofri um pouco de cair quando vai em algum lugar alto, os produtos também né de banheiro e limpeza que eles tem um cheiro forte, menina, daí é perigoso também.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. É muito boa, eu vi todos eles crescendo né, vi os meninos indo embora, indo estudar, vi eles tendo filho, e a mãe é muito boa, ela sabe todos os meus problemas de saúde, até melhor que eu, ela vai poder te falar melhor do que eu até o que os médicos falam... Mas a relação é muito boa, eu vi todos aqui terem uma vida, crescendo, e eu sempre falei pra eles estudarem, ser alguém na vida.. Eu vim do Rio de Janeiro junto com eles porque minha mãe trabalhava pra mãe dela e aí sempre falou que era uma boa família, são boas pessoas e aí eu vim junto com eles do Rio de Janeiro pra Itajubá e fiquei aqui... E eu gosto de morar aqui, a gente se dá bem, eu vejo que sou como se fosse minha família mesmo.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Ah, já, quando eu fazia parte dos missionários eu sempre quis estudar, eu nunca gostei de ficar parada, sempre gostei muito de estudar, mas eu não consegui por causa da minha cor, não deixavam eu ir na escola, tinha só eu e um amigo meu que era “pretinho” também que não deixaram estudar, daí eu sempre fiquei na vontade, porque eu sempre quis ser alguém na vida, pra fazer a diferença no mundo, mas não consegui por causa da minha cor... Daí agora eu não consigo mais.

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. Ele foi o que eu consegui fazer, né. Eu sempre quis estudar e ser alguém na vida, fazer alguma diferença, alguma coisa grande no mundo, mas eu nunca consegui estudar, por causa da minha cor e então minha mãe trabalhava como empregada doméstica e aí eu fui trabalhar também, porque também nunca gostei de ficar parada... Hoje eu tenho alguns problemas de saúde daí eu fico um pouco parada mas sempre que dá eu ainda ajudo aqui na casa porque não gosto de não fazer nada, daí eu cozinho, essas coisas.

ENTREVISTA COM A MULHER 20

Realizada em 24 Fevereiro de 2024

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

01. Identificação: M.J.S

02. Idade: 46 anos.

03. Escolaridade:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós Graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo | <input type="checkbox"/> Pós graduação completa |

04. Estado Civil: Solteira (X) Casada () Separada () Viúva ()

05. Possui filhos? Sim (X) Não () Se sim, quantos? Três filhos.

06. A cor que melhor identifica você é: Branca () Parda (X) Negra ()

07. Possui alguma religião? Sim (X) Não () Se sim, qual? Evangélica.

08. Você trabalha em mais de uma residência? Se sim, em quantas? Não.

09. Possui carteira assinada? Sim () Não (X)

10. Possui dupla jornada? (Trabalha fora e também trabalha em casa) Sim.

11. Qual sua faixa salarial?

- Até 2 salários mínimos
- De 2 a 4 salários mínimos
- De 4 a 7 salários mínimos
- Mais de 7 salários mínimos

12. Há quanto tempo você trabalha com emprego doméstico? Desde os 18 anos anos, já devem fazer uns 28 anos.

13. Você já teve trabalhos anteriores a esse? Se sim, quais? Não.

14. Atualmente você realiza algum outro trabalho além do emprego doméstico? Não.

15. De que maneira você se desloca até seu trabalho? Geralmente de ônibus.

16. Qual entrada você utiliza em cada residência que você trabalha? Entrada principal.

18. Você já sofreu algum acidente realizando seu trabalho? Não.

19. Você possui equipamentos suficientes e adequados para a realização do seu trabalho? Sim.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

P. Como você concilia seu trabalho doméstico em cada residência? (Se trabalhar em mais de uma)

R. Trabalha em uma residência.

P. Você percebe algum risco à saúde no seu trabalho?

R. Aii, então, tem alguns produtos de limpeza que são arriscado né? Daí eu sempre tento cuidar pra não acontecer nada. Tem vez também que precisa carregar várias coisas que são pesadas e aí fica perigoso machucar as costas, eu já dei mal jeito na coluna uma vez de ficar carregando as coisa pra lá e pra cá.

P. Como é a relação com seu(s)/sua(s) patrão(ões)/patroa(oas)?

R. Nossa relação é bem tranquila até. Como eu trabalho com eles desde que era bem nova eles tão sempre fazendo parte da minha vida. Ela me ajuda quando eu preciso de alguma coisa de limpeza pra casa, eu acho que a gente até consegue conversar bastante, já teve seus momentos que a gente se estranhou mas a gente resolveu depois. Gosto de ter uma proximidade com as pessoas lá da casa também.

P. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

R. Não..

P. Me fale um pouco sobre o que representa o trabalho doméstico para você.

R. O trabalho é tudo pra mim, porque é o que eu consigo fazer pra sustentar minha vida e também tenho orgulho de fazer o que eu faço, porque é sempre bom trabalhar né. Eu faço curso também, porque a gente também sempre quer tá melhorando e fazendo o que pode, mas

é por causa do trabalho que eu consigo pagar os cursos que eu faço de técnico e conseguir uma vida melhor pra mim e pra minha família.